

Manuel Pereira-Caldas

M. P. C.

FLORA-MEDICA

DA

RIBEIRA DE VISELLA

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

APRESENTADA Á

Escola Medico-Cirurgica do Porto



PORTO

Typ. de Antonio José da Silva Teixeira

Rua da Cancellia Velha, 70

1901

105/8 EMC

Escola Medico-Cirurgica do Porto

DIRECTOR

O Exc.^{mo} Sr.

ANTONIO JOAQUIM DE MORAES CALDAS

SECRETARIO

O Exc.^{mo} Sr.

Clemente Joaquim dos Santos Pinto

CORPO DOCENTE

Lentes cathedaticos

Os Ill.^{mos} e Exc.^{mos} Srs.

1. ^a CADEIRA — Anatomia descriptiva e geral	Carlos Alberto de Lima.
2. ^a CADEIRA — Physiologia	Antonio Placido da Costa.
3. ^a CADEIRA — Historia natural dos medicamentos e materia medica	Illydio Ayres Pereira do Valle.
4. ^a CADEIRA — Pathologia externa e therapeutica externa	Antonio Joaquim de Moraes Caldas.
5. ^a CADEIRA — Medicina operatoria.	Clemente Joaquim dos Santos Pinto.
6. ^a CADEIRA — Partos, doencas das mulheres de parto e dos recém-nascidos	Candido Augusto Corrêa de Pinho.
7. ^a CADEIRA — Pathologia interna e therapeutica interna	Antonio d'Oliveira Monteiro.
8. ^a CADEIRA — Clinica medica	Antonio d'Azevedo Maia.
9. ^a CADEIRA — Clinica chirurgica	Roberto B. do Rosario Frias.
10. ^a CADEIRA — Anatomia pathologica	Augusto H. d'Almeida Brandão.
11. ^a CADEIRA — Medicina legal	Maximiano A. d'Oliveira Lemos.
12. ^a CADEIRA — Pathologia geral, semelologia e historia medica	Alberto Pereira Pinto d'Aguiar.
13. ^a CADEIRA — Hygiene	João Lopes da Silva Martins Junior.
Pharmacia	Nuno Freire Dias Salgueiro.

Lentes jubilados

Secção medica	{ José d'Andrade Gramacho.
	{ Dr. José Carlos Lopes.
Secção chirurgica	{ Pedro Augusto Dias.
	{ Dr. Agostinho Antonio do Souto.

Lentes substitutos

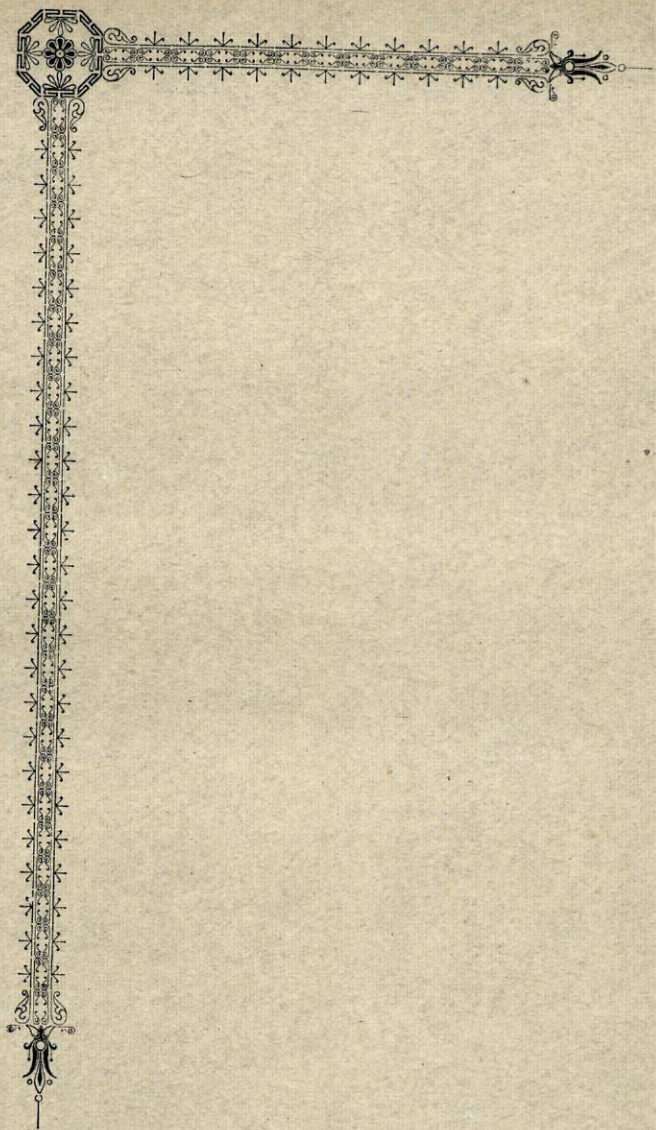
Secção medica	{ José Dias d'Almeida Junior.
	{ Vago.
Secção chirurgica	{ Vago.
	{ Luiz de Freitas Viegas.

Lente demonstrador

Secção chirurgica	Vago.
-----------------------------	-------

A Escóla não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

REGULAMENTO DA ESCÓLA, de 13 de abril de 1840, artigo 155.º).



Ao meu dignissimo presidente

O Exc.^{mo} Sr.

Dr. Antonio Joaquim de Moraes Caldas

O nome illustre a um certo amor obriga
E faz a quem o tem amado e caro.

CAMÕES — *Lusiadas*, C. II. E. 58.

O discípulo reconhecido.

A MEUS PAES

Antonio Pereira da Silva Caldas

Decano dos professores primarios

E

Francisca Emilia Pereira da Cunha

Os vossos trabalhos e sacrificios e a vossa constante dedicação pelos filhos e pelos netos merecem a mais sagrada veneração. Mesmo na idade avançada em que estaes, a prolongação da vossa existencia e a vossa abençoada companhia por largos annos são o santo desejo de nós todos.

A MINHA ESPOSA

Armanda Carneiro Leixoto Caldas

E

A MEUS FILHOS

Amor conjugal e paternal.

A MEUS IRMÃOS

Alvaro Bráulio da Silva Pereira-Caldas

Bráulio Lauro da Silva Pereira-Caldas

Maria da Conceição Pereira Mendes-Caldas

A MEU TIO PATERNO

Dr. José Joaquim da Silva Pereira-Caldas

Lente do Lyceu Nacional de Braga e decano dos professores

Que outrem possa louvar esforço alheio
Cousa é que se costuma e se deseja,
Mas louvar os meus propios arreceio
Que louvar tão suspeito mal me esteja;
E para dizer tudo temo e creio
Que qualquer longo tempo curto seja.

CANÇÕES — *Lusiadas*. C. III. E. IV.

O discípulo e sobrinho grato.

A MEUS SOGROS

Francisco Xavier Peixoto

E

Etelvira Carneira Peixoto

*A minha dedicação e estima,
como recompensa á vossa extre-
mosa dedicação pelos filhos e
pelos netos.*

B

A MEUS CUNHADOS

JOAQUIM MENDES CALDAS

E

Armando Carneiro Peixoto

A MEUS SOBRINHOS

E

A MEUS PRIMOS

*

AOS MEUS ESPECIAES AMIGOS

Gonçalo Sampaio

Dr. Manoel Corrêa de Barros

Dr. Joaquim da Silva Ramalho

Dr. Pedro Caldas Guimarães

Padre Firmino de Freitas Ribeiro de Faria

• AOS MEUS CONDISCIPULOS



AOS MEUS CONTEMPORANEOS

AO MEU AMIGO O EXC.^{MO} SNR.

Arzenio Guedes Taveira

O meu reconhecimento.

AO CONSPICUO

CORPO DOCENTE

DA

Escóla Medico-Cirurgica do Porto

Um humilde discipulo.

PROLOGO

A escolha do assumpto da minha dissertação relaciona-se com a idéa que me suggeriu uma serie de excursões botanicas que fiz, nos arredores do Porto, em companhia do meu antigo condiscipulo Gonçalo Sampaio, hoje abalisado botanico.

O meu primeiro intuito foi escrever um tratado desenvolvido sobre *flora toxica indigena*. E, assim, fiz algumas experiencias, em coelhos e caviás, com varias especies de *ranunculaceas*, *cucurbitaceas*, etc., e que me satisfizeram nos resultados previstos.

Fiz principalmente uso do succo das mesmas, em injecções subcutaneas, sendo auxiliado nos

primeiros ensaios pélo meu condiscipulo, na Polytechnica, hoje laureado medico-ophtalmologista — Dr. Corrêa de Barros.

Não me desanimaram os longos exercicios pedestres pelos campos, montes e vallados, *não á procura da pedra philosophal dos alchimistas*, mas o que me desanimou foi a falta de um arsenal necessario para conseguir o meu precitado intento.

Terminado o meu curso, vim para as Caldas de Visella, minha terra natal e afamada estancia balnear, exercer a clinica. Ora, sabido é que os primeiros clientes, que apparecem ao novel medico rural, são os pobres, sem recursos de especie alguma.

Vi-me pois em face de um triste problema, porque no meio das lagrimas do soffrimento escasseava o pão, a hygiene era nulla e os medicamentos das pharmacias eram inaccessiveis á bolsa do cliente pobre.

N'esta situação recorri ao que já desde o berço da medicina se usára com fé, prudencia e resultado.

Nas paginas da Biblia já se lê: *Altissimus creavit de terra medicamenta et vir prudens no abhorrebit* (Ecclesiastico, cap. xxxviii, v. 4).

E mal iria á humanidade se não encontrasse na pródigo Natureza uma immensa e providencial pharmacia; pois que embora a chimica cada dia proveja o arsenal therapeutico com novos preparados, no seu maior numero de procedencia inorganica, nem por isso os vegetaes deixam nem deixarão de prestar immensos recursos para combater a infinidade de doenças que affligem a humanidade.

Garcia da Orta, nos seus colloquios dos simples, já dizia — e Deus é tão misericordioso, que em cada terra nos deu mészinas para sararmos; porque elle, que dá a enfermidade, dá a mészinha para ella.

Não podendo eu remediar essa triade de males que encontrei no casebre de tantos indigentes, resolvi procurar n'esta Ribeira de Visella, e mesmo á porta d'elles, pelo menos os remedios para os seus padecimentos physicos.

Encontrei-os, felizmente, em abundancia, nas plantas, quer espontaneas, quer de cultivo, mas já aqui acclimatadas. A cada um d'elles mostrei as que podiam utilizar sem inconveniente, a fórmula de usal-as e o cuidado que deviam ter no uso daservas ruins, emquanto n'esta formosa Ribeira,

o poeta procurava inspiração para os seus versos, o pintor paysagem para as suas telas, o photographo assumpto para os seus clichés e o musico a gamma para o seu sentimento.

Dava este assumpto ensejo para um desenvolvido e profundo trabalho; por isso, só agora posso apresentar um pequeno capitulo sobre as plantas mais vulgarmente usadas aqui, e por mim experimentadas, esperando do illustrado jury que me ha de julgar, a benevolencia que a pequenez d'este trabalho requer.

FLORA-MEDICA

DA

RIBEIRA DE VISELLA

LABIADAS

Rosmarinus officinalis L.

Alecrim

Descrição. — Planta de 6-10 decímetros de altura; caule lenhoso; folhas sesseis alongadas, estreitas e oppostas; flôres (Março-Maio), côr rôxa pallida em pequenas espigas no vertice do caule e dos ramos, etc.

Parte usada. — Folhas e summidades floridas.

Propriedades e noções químicas. — Tem cheiro forte e agradável, sabor quente, amargo, aromatico, picante e camphorado.

Contém: materia amarga resinosa, tannino, grande quantidade de oleo essencial, incolor, muito fluido, cheiro forte, desagradavel, sabor quente e camphorado, soluvel em todas as proporções no alcool a 85°.

Acção physiologica. — Estomachico, estimulante, emmenagogo e antiseptico.

Usos therapeuticos. — Internamente, na anorexia,

dyspepsia atonica; nas atonias do systema nervoso, taes como: paralysisa, vertigens e debilidades espadmodicas do apparelho digestivo. Foi igualmente aconselhada contra a asthma nervosa (Alibert); ¹ nas febres typhoides adynamicas, chlorose, escrophulose, hysteria, e, geralmente, em todos os casos em que é necessaria a medicação excitante.

Externamente: em loções nas contusões, *echymoses*, *tumores frios*, *feridas gangrenosas* e *ulceras atonicas*, como excitante, adstringente e antiseptico.

Em fomentações ou banhos nas *paralysias*, *rheumatismo articular*, *tonia dos nervos* (M. Buchoz, Joseph Frank, Grislei, etc.).

Em injeções, na *blennorrhagia*, *leucorrhêa*, *prolapso uterino*, como adstringente e antiseptico; o emplasto das folhas, pisadas, nas hemorrhoides, e o pó das folhas nas feridas recentes (Grislei).

Pharmacologia e posologia. — Prescreve-se internamente: em pó, na dóse de 50 centigr. a 3 gr. em *sachets*; infuso theiforme, 5 a 60 gr. para 1:000 d'agua; alcoolato, 4 a 15 gr. em poção; oleo essencial, 5 a 25 centigr.

Externamente: decocto, em loções, fomentações, injeções e banhos; tintura em fricções.

A essencia d'esta planta entra na composição da

¹ *Nouveaux Éléments de Thérapeutique et de Matière Médicale*, 2.^o vol., pag. 127.

agua de Colonia, do balsamo tranquillo, opodeldoc e faz parte de uma preparação, outr'ora celebre, Agua de Hungria, assim chamada pelos effeitos que obteve uma rainha de Hungria, na idade de setenta e cinco annos, n'um banho de alecrim.

Entendemos igualmente que os oradores, quer ecclesiasticos quer profanos, encontrar-se-iam bem, no exercicio do seu mister, se, de quando em quando, aspirassem o perfume de algumas gottas de essencia derramadas no lenço, como fortificante do espirito, o que é preferivel ao uso dos perfumes inebriantes.

Entre nós é frequentissimo o uso que d'elle faz o povo, principalmente do Minho, em defumadouros, nos achaques provenientes dos ares maus, e, internamente, em cozimento, nas debilidades ou *espinhela cahida*, *ventosidades*, *melancolia*, *vapores que vão á cabeça*, *flatos nervosos*, etc. ¹

Thymus vulgaris L.

Tomilho

Desc.—Planta de 1-2 decim.; caule lenhoso na base, herbaceo no vertice; folhas oppostas, sesseis,

¹ A respeito d'esta planta já dizia o finado e illustre facultativo Pereira Reis no seu formulario geral a pag. 38: «Fazemos votos por vêr rehabilitado o uso d'esta substancia que, provavelmente, tem sido desprezada por causa da sua vulgaridade.»

raiz lenhosa; flôres (Junho-Julho) roseas ou brancas, etc.

P. us. — Toda a planta.

Propriedades e noções chímicas. — Muito odorífera, sabor quente, amargo e aromático.

Os seus principios constituintes são: oleo essencial, principio amargo e tannino.

A essencia, de sabor acre, camphorado, de cheiro aromático penetrante, é constituída por uma mistura de tres compostos: *cymena*, *tymena* e *thymol*. A *cymena* e a *tymena* são líquidos incolores; o *thymol*, ou acido thymico, apresenta-se em laminas crystallinas, incolores, de cheiro suave, sabor picante e apimentado.

Acção physiologica. — Na dóse de 20 a 30 centigr. por dia, do 4.º ao 8.º dia, o individuo experimenta augmento apreciavel de forças e de appetite; a digestão é rápida, urina bem, tem dejecções regulares; erecções nocturnas frequentes, mas passageiras, e sem polluções. Os fluxos habituaes, catarrhaes ou sanguineos, são menos frequentes. A leucorrhêa é menos abundante, acabando por desaparecer, se ao uso interno se associar o oleo essencial muito diluido, em injecções.

A menstruação é regularisada. Na dóse de 30 a 80 centigr., phenomenos precedentes accentuados, diurese e diaphorese abundante, algumas vezes exanthemas ligeiros, roseola escarlatiniforme, e, em individuos de pulmões delicados, tosse secca, pertinaz e sentimento de ardor na pharynge.

Em dóse mais elevada: pulso acelerado, pequeno,

febril, anorexia, náuseas, diarrhêa, sobreexcitação passageira, depois agitação contínua, erecções dolorosas frequentes e insomnias.

Se se augmenta ainda a dôse, ha, nos animaes, diarrhêa accentuada, vomitos frequentes, abatimento extremo, resfriamento da pelle e, por fim, a morte.

O *thymus* goza, finalmente, de propriedades anti-septicas. É um antizymotico, bastante energico que se emprega, sobretudo, para a conservação da pelle dos animaes.

Usos therapeuticos. — Como amargo adstringente, tonico e estimulante diffusivel, na *atonía do tubo digestivo*, *flatuosidades*, *enfraquecimento geral*, devido a trabalho moral ou physico exagerado; *depressões moraes*, *chloro-anemia*, *amenorrhêa*; no periodo catarrhal apyretico da *bronchite*, para diminuir a secreção mucosa; como succedaneo precioso da copahiba, cúbebas e sandalo. No catarrho vaginal chronico, as flôres brancas são modificadas ou supprimidas pelo uso interno do oleo essencial (50 a 60 centigr.) e, externamente, 1 a 2 gr., em irrigações.

Nas hemopthyses dos tysicos, de temperamento lymphatico (Paulier); como anthelminthico (Buchoz).

Plinio disse que o cheiro do thymo é tão penetrante, que suspende o paroxismo da epilepsia. O oleo essencial do thymo é um excellente remedio para as dôres dos dentes cariados, o decocto da planta como emmenagogo (Buchoz).

Dioscorides diz que o decocto de thymo é muito favoravel na asthma.

M. M. Cadéac et Meunier (citado por Henri Soulier) insistem, dizendo, que a essencia d'esta planta tem uma acção microbicide poderosa, na febre typhoide, mormo, carbunculo e septicimia gangrenosa do cavallo.

Externamente: em fumigações contra o lumbago; o infuso em loções na sarna, penso das ulceras atonicas e engorgitamentos indolentes; em banhos: 50 centigr. a 2 gr., previamente dissolvidas no alcool (Topinard, citado por Soulier e Paulier).

Campardon prefere o processo seguinte: a mistura de 2 gr. de essencia do thymo com 250 a 350 gr. de sub-carbonato de soda, que se deita no banho.

M. Topinard, em 1867, insistiu ácerca da utilidade dos banhos com as essencias das labiadas, para preencher a indicação antispasmodica.

Pharmacologia e posologia. — Infuso, 10 a 15 gr. para 1:000 de agua; oleo essencial, 1 a 5 gottas, n'um pouco de assucar ou agua assucarada (Gubler), ou em poção; em pilulas, segundo a fórmula de Campardon:

<i>Oleo essencial de thymo</i>	}	<i>ãa 10 centigr.</i>
<i>Sabão amygdalino. . .</i>		
<i>Pó de alcaçuz.</i>		

Tres pilulas a sete.

Hyssopus ¹ officinalis L.

Hyssopo

Desc. — Planta de 2-6 decim.; caule um pouco lenhoso, folhas oppostas, sesseis, estreitas; flôres (Julho-Agosto) azues e côr de rosa, etc.

P. us. — Toda a planta florida.

Propriedades e noções chimicas. — Tem cheiro forte, agradável sabor aromatico, um pouco amargo e como camphorado.

A deseccação diminue um pouco o aroma, mas não lhe altera as propriedades.

Contém: oleo essencial amarello, principios amargos, um pouco de enxofre, um pouco de camphora e, segundo Herbege, um principio immediato que denominou *Hyssopina*.

O oleo essencial é liquido, de um sabor picante, que amarellece e torna-se resinoso ao contacto do ar.

A hyssopina é uma substancia neutra soluvel na agua, alcool e ether.

Acção physiologica. — É tonico amargo, estomachico, carminativo, estimulante, bechico, expectorante.

Usos therapeuticos. — Internamente, na atonia das vias digestivas, anorexia, colicas ventosas; nos ca-

¹ Vem de ἵσσωπος, nome grego da planta.

tarrhos bronchicos e pulmonares chronicos sem grande irritação, asthma e affecções nervosas.

Igualmente foi bem recommendado como diaphoretico util nos rheumatismos epyreticos e exanthemas; como emmenagogo (Héraud).

Como anthelminthico, contra os ascarides lombricoides (Héraud, Roseinstein, Grislei, Frank).

Externamente: como tonico resolutivo em gargarejos, nas inflammações da garganta (Grislei).

Em collyrio nas opthalmias catarrhaes (Buchoz); contundido e fervido em agua sob a fórma de *sachets*, nas echymoses das palpebras e em fomentações nas contusões, entorses, feridas, etc.

Pharmacologia e posologia. — Infuso, 8 a 15 gr. para 1:000 de agua; hydrolato, 30 a 100 gr. em poção; xarope, 30 a 60 gr.; decocto, 30 para 1:000 de agua; em loções, injeccões, gargarejos, etc.

Entra na agua de melissa, do balsamo tranquillo e xarope de artemisia composto.

Entre nós, usa o povo d'esta planta como remedio abortivo.

Lavandula stœchas L.

Rosmaninho

Desc. — Sub-arbusto, de folhas rentes, lineares, esbranquiçadas; flôres de um purpureo escuro em espigas terminaes, etc.

P. us. — Summidades floridas.

Propriedades e noções chímicas. — Cheiro forte, agradável, aromático, sabor amargo calefaciente.

Contém: resina, tannino, principio amargo, oleo essencial, lenhoso.

A essencia fluida, amarella, acre-aromatica é constituida, em grande parte, de um hydrocarboneto liquido, $C^{20}H^{16}$, e uma camphora analoga, pela sua composição, á das *Laurineas*.

Acção physiologica. — Estimulante, tonico, antispasmodico (Héraud) e antiseptico (Pereira-Caldas).

A sua acção é bastante energica, para que as suas preparações sejam toxicas, quando administrada em doses elevadas; por tal motivo sejamos circumpectos na sua applicação interna.

Usos therapeuticos. — Póde prescrever-se como carminativo nas dyspepsias flatulentas, porque tonifica o estomago e facilita a evacuação dos gazes. Como tonico amargo, nas affecções escrophulosas e chloroticas, na leucorrhêa, gonorrhêa e bronchorrhêa. Como antispasmodico, na hysteria e spasmos.

Pelo seu cheiro forte e aromático póde estimular rapidamente o cerebro e ser util nas cephalalgias e vertigens. Igualmente póde empregar-se na atonia dos nervos e principalmente nas paralyrias dos movimentos voluntarios e dos orgãos dos sentidos; assim a tintura póde empregar-se em gargarejos, na paralyria da lingua, gagueira, e em fricção com ammoniac, na região supraciliar na amaurose.

Ainda ultimamente, segundo uma noticia dos jor-

naes, alguns medicos da Allemanha, por experiencias que fizeram, o consideraram como um excellente microbicida.

Esta noticia não nos surprehendeu, porquanto, pelo menos, nas blennorrhagias, dá, ha muito tempo, segundo nos parece, resultados, senão optimos, pelo menos satisfatorios.

Externamente: o pó, como sternutatorio; a essencia em applicações topicas contra a tinha e piolhos; em fricções, e misturada com o oleo de hypericão e de camomilla, nos rheumatismos e paralyrias.

A agua destillada alcoolizada, no acne. Com as essencias de thymo e de alecrim faz parte dos banhos aromaticos.

Emfim, pelo seu cheiro forte e penetrante, pôde utilisar-se para resguardar as roupas do ataque da traça e de outros parasitas.

Pharmacologia e posologia. — Infuso, 4 a 8 gr. para 1:000 e para uso externo 15 a 30; hydrolato, 30 a 100 em poção; tintura alcoolica, 1 a 4 gr. em poção; essencia, 5 a 10 gottas em poção.

Glechoma hederacea L.

Hera terrestre

Desc. — Planta de 1-8 decim.; caule prostrado, folhas oppostas de côr verde-escura; flôres (Abril-Maio) violaceas, algumas vezes, roseas, etc.

P. us. — Summidades floridas e folhas.

Propriedades e noções chímicas. — Tem cheiro aromatico forte, pouco agradavel, sabor amargo balsamico e um pouco acre. Segundo analyses muito incompletas ainda, sabe-se sómente que contém um oleo essencial, tannino, materia amarga e resinosa, que ennegrece pelo sulphato de ferro.

Acção physiologica. — Como as outras labiadas aromaticas, é tonica, estomachica, excitante, bechica e antispasmodica. Igualmente se lhe tem attribuido propriedades vulnerarias, vermifugas e antipyreticas.

Usos therapeuticos. — É de uso frequente nas affecções catarrhaes das mucosas e, principalmente, nas das vias respiratorias. Facilita a expectoração e combate tambem as secreções morbidas que as provocam. Como estomachico, a sua acção é menos certa; comtudo, tem-se usado d'ella nas debilidades do estomago, dyspepsias, flatuosidades.

Como diuretico poucos resultados se podem obter, nas doencas da bexiga e dos rins, apesar de terem entendido o contrario alguns praticos antigos, como Sennert e Platter.

Externamente: em infuso, pó ou em decocto, para excitar ou modificar as ulceras (Héraud).

Em loções para conservação da côr dos cabellos e evitar o seu embranquecimento, e, em gargarejos, contra o mau halito da bocca (Grislei).

O principal uso que o povo faz d'esta planta é, sob a fórmula de chá ou infuso theiforme, contra as flatuosidades do estomago e indigestões.

Pharmacologia e posologia. — Infuso, 10 a 25 gr. para 1:000 de agua; succo, 30 a 80 gr.; xarope, 25 a 60 gr.; hydrolato, 30 a 100 gr. em poção; extracto, 1 a 4 gr., em pilulas.

Externamente: infuso ou decocto, em loções, fomentações e banhos, como estimulante e tonico.

Marrubium vulgare L.

Marroio branco

Desc. — Planta 30-40 centim.; caule villosa, esbranquiçada, folhas ovaes, oppostas, velludineas; flôres pequenas, brancas, etc.

P. us. — Toda a planta que contém oleo essencial, principio amargo, acido galhico e, segundo Tulu e Thorel, um principio activo, a *marrobina*.

Propriedades e noções chemicas. — Gosto de um amargo apreciavel, sabor aromatico.

Acção physiologica. — Goza de propriedades estimulantes tonicas e febrifugas (Héraud), estimulante e antispasmodico (Gubler).

Usos therapeuticos. — Póde utilizar-se nas affecções dos orgãos respiratorios, principalmente nas bronchites e catarrhos pulmonares chronicos. Como emmenagogo na amenorrhêa; na asthma (infuso ou succo na dóse de 60 gr.), contra os vermes intestinaes, obstrucções do figado, hysticismo, anemia, hydropesia, ictericia (Buchoz).

O pé ou decocto das folhas, em agua de sal, contra as hemorrhoides (Grislei).

Chomel observou dois casos de cura de um cirrho do figado, submettendo os doentes, durante alguns mezes, ao tratamento do infuso de marroio em vinho branco, tomado todos os dias de manhã em jejum.

Pharmacologia e posologia. — Infuso theiforme, 4 a 8 gr. para 250 gr. de agua fervente; pó, 4 a 8 gr.; extracto alcoolico, 1 a 2 gr. ou nas mesmas doses que o sulphato de quinino, como febrifugo (Thelu).

Uso popular. — N'esta ribeira de Visella costuma o povo, para curar a ictericia, urinar no marroio branco, nove manhãs em jejum e sem olhar para traz; pois, olhando, torna a levar a molestia!...

Eu observei um facto d'estes com um individuo d'esta localidade, que, afinal, morreu d'esta doença.

Melissa officinalis L.

Herva cidreira

Desc. — Planta de 3-8 decim.; folhas oppostas, pecioladas, ovaes, superficie aspera, um pouco villosas, fôres (Junho-Agosto) brancas, etc.

P. us. — Toda a planta.

Propriedades e noções chimicas. — As folhas têm um cheiro de limão agradavel e penetrante, sabor um pouco acre, amargo aromatico.

O aroma diminue pela desecção, mas conserva o sabor.

Contém oleo essencial, amarello ambar, por vezes levemente esverdeado ou incolor; tannino, principio amargo, soluvel em parte na agua e em parte no alcool.

Ação physiologica. — É tonico, estomachico, excitante, diffusivel, carminativo fraco e antispasmodico.

Usos therapeuticos. — Muito frequentemente empregada nos embaraços gastricos, anorexia, dyspepsia.

Como antispasmodico, se não goza de grande efficacia nas nevroses graves, póde prestar serviços nas affecções nervosas e estados espasmodicos passageiros.

O seu uso nos deliquios, syncopes, vertigens, é popular.

Segundo Trousseau e Pidoux póde prescrever-se nos accidentes cerebraes e hypocondriacos, que não tenham por causa a plethora.

Pharmacologia e posologia. — Infuso, 4-10 gr. para 500 de agua.

Agua destillada, 30-120 gr., como vehiculo de porções calmantes; alcoolato simples, 4 a 8 gr. e mais; alcoolato de melissa, composto, 5-20 gr. em agua assucarada.

Externamente: infuso, em loções, banhos e alcoolato em fricções, como tonico e estimulante.

Como ondoltogico.

Salvia officinalis L.

Salva

Desc. — Planta de 3-6 decim.; caule lenhoso; folhas oppostas de um verde esbranquiçado, rugosas; flôres (Junho a Julho), violaceas, em espiga, etc.

P. us. — Folhas e summidades floridas.

Propriedades e noções chemicas. — Tem cheiro aromatico, agradavel, sabor quente, um pouco amargo e picante. Conserva as propriedades depois de secca. Contém: acido galhico, extractivo e grande quantidade de oleo essencial, de côr verde, que dá 0,125 de camphora.

Esta essencia é de côr ambar, apresentando, algumas vezes, um leve cheiro de terebinthina.

Acção physiologica. — Como estimulante e tonica resume, em alto grau, as propriedades da familia a que pertence.

«A salva, sob a fórma de infuso frio, determina abundantes suores com baforadas de calor, insupportaveis, frequencia de pulso e de tensão, dificuldade de trabalho intellectual, em consequencia da agitação que se experimenta, sêde viva, seccura da bocca, constipação extraordinaria, appetite pronunciado, e, ao mesmo tempo, insomnia.» (Trousseau).

Todos estes phenomenos ou symptomas reunidos testemunham em favor da acção estimulante da salva.

Usos therapeuticos. — É excellente na atonia das vias digestivas (Barbier), dyspepsia, vomitos espadicos (Héraud).

Não é menos efficaz pelas suas propriedades amargas, adstringentes e aromaticas, na diarrhêa dos typhicos e das creanças do peito (Héraud). Hippocrates dizia: *Salvia sicca est alvum sistit.*

Como *anhydrotico*, nos suores profusos dos typhicos e dos convalescentes de febres de longa duração (Hufeland, Cazin).

Como *diaphoretico* nas affecções provenientes do resfriamento da periphéria.

No primeiro caso, pela sua acção tonica combate a falta de vitalidade e a fraqueza geral, restabelecendo o equilibrio organico; no segundo, provoca um movimento centrifugo, activando e regularizando a circulação.

Contra as febres typhoides ataxicas e adynamicas (Trousseau, Pidoux, Héraud).

Contra as hemophyses, metrorrhagias, leucorrhêa atonica (Actius, Dubois).

Nas febres rheumaticas, affecções eruptivas, bronchites agudas e chronicas (Giacomini).

No escorbuto e hydropesia empregou Alibert, com vantagem, o vinho de salva.

Roques e Riolan obtiveram felizes resultados com o infuso nas intermittentes.

Van Swieten prescrevia o infuso para suspender o leite nas mulheres que deixam de amamentar, e na galactorrhêa.

Externamente, e sob a fôrma de infuso aquoso ou vinoso com mel, como cicatrizante das úlceras atônicas das pernas e escrophulosas da face.

O decocto vinoso, como topico, contra as aphtas das creanças, gengivites ulcerosas e escorbúticás (Héraud, Trousseau e Pidoux). Nas contusões, queimaduras e úlceras (Giacomini).

Segundo Macbride, o chá de salva com um pouco de vinagre, é um gargarejo efficaz na angina tonsillar.

Em geral, como topico, nos casos em que estão indicados os mais poderosos resolutivos.

Em banhos, nas paralyrias dos membros (Loiseleur de Longchamps); rachitismo, em loções (Vitet).

É, segundo observa Gauthier, contradictado o seu uso nos individuos plethoricos e nas doenças de caracter inflammatorio.

Pharmacologia e posologia. — Infuso, 15 a 30 gr. para 1:000; hydrolato, 30 a 100 gr. em poção; vinho, 60 a 100 gr.; oleo essencial, 10 a 20 centigr. em poção; pó, 1 a 4 gr.

Externamente: 15 a 60 gr. para 1:000, em loções, fomentações, etc.

Infuso vinoso em loções; folhas seccas fumadas em cigarros.

COMPOSTAS

Artemisia absinthium ¹ L.**Absintho ou Losna**

Desc. — Caule de 6 decim. a 1 metro, pubescente, acinzentado; folhas alternas, pecioladas, esbranquiçadas; flôres (Julho-Agosto) amarellas.

P. us. — Folhas e summidades floridas.

Propriedades e noções chemicas. — Cheiro penetrante e muito pronunciado, sabor amargo e aromático, que conserva pela deseccação.

Contém: *absinthina*, ou amargo de absintho (Mein, Luch); oleo essencial; duas materias amargas, uma azotada, outra resinosa; materia azotada insipida; *chlorophylla*; albumina; fecula; tannino; saes (*chlorhydrato*, *nitrato* e *absinthato* de potassa), lenhoso e agua (Braconnot).

A *absinthina* apresenta-se sob a fórma de gottas resinosas, muito amarga, *crystallisavel*, soluvel em parte na agua, muito no alcool, pouco no ether. A essencia de absintho é composta de dois carbonetos de hydrogenio e de uma essencia oxygenada — *absinthol*, especie de camphora, ao qual deve as proprie-

¹ De *a*, privativo e *πικρος*, doçura (amargura).

dades que a caracterisam, pois que exerce sobre o systema nervoso a mesma acção que a camphora.

Acção physiologica. — Em pequena dóse é tonico amargo, aromatico, estimulante; excita o appetite, favorece a secreção do succo gastrico, e, consecutivamente, a digestão; todavia, em alguns individuos, produz phenomenos contrarios. Em dóse maior produz calor no estomago, sensação de queimadura no epigastro, sêde, excitação geral, vertigens, nauseas, cephalalgias.

O uso prolongado ou de altas dóses origina o absinthismo, que se traduz por convulsões epileptiformes (Trousseau, Cauvet).

A absinthina nos animaes, mesmo em dóse elevada, não é toxica, e o uso prolongado, em dóses fracas, não tem inconvenientes; parece favorecer de uma maneira evidente a expulsão das materias fecaes, sem provocar diarrhêa (Fernand Roux). No homem augmenta o appetite ou restabelece-o de um modo rapido, regularisa as dejecções e funcções intestinaes.

Usos therapeuticos. — Como tonico estomachico e estimulante diffusivo, na atonia do tubo digestivo (Héraud); dyspepsia nervosa, flatuosidades, diarrhêa, escrophulose (Reveil); na chlorose, polluções nocturnas (Rousse); na leucorrhêa (Alibert, Richard).

Na anasarca, anemia e, sobretudo, nas fórmas de cachexia paludosa (Cazin, Trousseau, Reveil).

Como emmenagogo na amenorrhêa, por enercia uterina ou debilidade geral (Héraud, Rabuteau, Bou-

chut). Como anti-pyretico, nas intermittentes (Alibert, Chaumeton); como melhor succedaneo da quina, (Trousseau).

Como anthelminthico, contra ascarides lombricoides, oxiuros vermiculares, tenia (Marchand, Cazin, Hufeland).

Foi ainda empregado, como diuretico (Beclu), narcotico (Trousseau, Cazin), e, externamente, como resolutivo (Reveil), deterrentivo, antiseptico (Héraud).

A absinthina foi indicada como util na chloroanemia, convalescença das doenças graves com alteração das funcções digestivas, na anorexia e sobretudo na anorexia ligada a uma constipação, mais ou menos pertinaz.

Pharmacologia e posologia. — Internamente: infuso das folhas ou das summidades floridas, 4 a 8 gr. para 1:000; pó, 1 a 4 gr. (tonico), 4 a 16 gr. (vermifugo; hydrolato, 25 a 100; succo, 5 a 15 gr.; oleo essencial, 5 a 10 gottas; alcoolato, 2 a 4 gr.; xarope, 30 a 60; tintura 5 a 20 gr.; vinho, 30 a 120 gr.

Externamente: oleo essencial, 20 a 100 gr. para 400 de azeite, em fricções anodynas, ou anthelminthicas (Héraud, Bouchardat); infuso em clysteres contra as lombrigas; decocto associado á artemisia, em fumigações emmenagogas; em loções como deterrentivo e antiseptico nas ulceras.

Entre nós é usado como estomachico, nas debilidades do estomago.

Segundo Saffray, o vinho preparado com absin-

tho e casca de salgueiro branco substitue, no campo, o vinho quinado.

Artemisia vulgaris ¹ L.

Artemisia ou artemija

Desc. — Planta herbacea; folhas alternas, pinatifidas, verdes e glabras por cima, cinzentas por baixo; flôres em paniculas terminaes de côr rosea pallida, etc.

P. us. — Raiz, folhas, summidades floridas.

Propriedades e noções chimicas. — Tem cheiro aromatico, forte. As folhas e o caule sabor muito amargo e a raiz sabor adocicado.

Contém: oleo volatil, materia azotada amarga e principios soluveis na agua e no alcool (Braconnot).

Acção physiologica. — Como todas as plantas amargas e aromaticas actua como tonico excitante e antispasmodico (Héraud). É tambem emmenagogo efficaz, parecendo exercer uma acção electiva sobre o systema genital, provavelmente, por intermedio dos centros nervosos e vaso-motores (F. Labadie-Lagrave et Felix Legueu) ².

¹ O nome d'esta planta, segundo uns, vem de Artemisia que, em grego, significa Diana, patrona das virgens, por causa do uso que d'esta planta fazia; outros de Artemisia, mulher de Mausoleu que a empregava.

² *Traité médico-chirurgical de gynécologie*. Paris, 1898; 1 vol.

Usos therapeuticos. — A artemisia é talvez o emenagogo que mais se empregou na antiguidade, gozando, em todos os tempos, a reputação de combater a amenorrhêa, e, muitas vezes, as perturbações nervosas que a acompanham.

A este titulo a recommendavam Hippocrates, Dioscorides, Galeno, Zacuto, Grislei, Gubler, Cazin, etc.

Foi igualmente preconizada no hysterismo, convulsões das creanças em dentição (Home e Biermann).

O primeiro administrava o pó das folhas na dóse de 4 gr., repetidos quatro vezes por dia.

O segundo, o pó da raiz, na dóse de 25 milligr. com 25 centigr. de assucar em pó, de hora em hora, elevando gradualmente a dóse até 10 centigr.

Contra a epilepsia (Schoenbeck, Graef Loewenbœck, Nothnagel). Burdach cita cinco casos, em que colheu felizes resultados na dita doença, prescrevendo o pó na dóse de 4 gr. em cerveja, tomada um pouco antes do accesso.

Nas febres intermitentes e affecções espasmodicas das creanças (Wurtzer); na chorêa e helminthiasis (Bresler).

Pharmacologia e posologia. — Infuso, 15-30 gr. para 1:000; hydrolato, 30-150, como vehiculo de poção; pó, 2-4 gr.; extracto, 2-4 gr.; oleo essencial, 1-2 gr.; succo 15-30; xarope, 30-60.

Externamente: 50-100 gr. para 1:000, em fumações vaginaes; 20 para 500 em clysteres; caule e

folhas, contundidas, em moxas, nas affecções articulares.

O povo emprega-o como emmenagogo (vulgo, falta de assistencia dos mezes, das regras, etc).

Arnica montana L.

Arnica ¹

Desc. — Caule 2-6 decim.; folhas radicaes-ovaes, lanceoladas, sesseis; flôres (Junho-Julho) amarellas, em capitulos, raiz fibrosa, denegrida por fóra, branca por dentro.

P. us. — Raiz, folhas e principalmente flôres.

Propriedades e noções chemicas. — As flôres recentes, quando esmagadas, exhalam um cheiro aromatico bastante forte, que provoca o espirro, e um sabor um pouco acre e amargo. Estas propriedades quasi que desaparecem pela deseccação.

Segundo analyses de Chevalier e Lassaigue, as flôres contêm: uma resina odorifera, acido galhico, materia corante amarga, albumina, e saes de potassa e de cal; um oleo azul (Weber); saponina (Bucholz); e, segundo W. Bastick, um principio activo denominado *arnicina*.

É um producto crystallisavel com aspecto e con-

¹ Corrupção de *ptarmica* que vem de πταίρο (eu espirro).

sistencia da terebinthina, de sabor muito amargo, pouco soluvel na agua, mais no alcool e no ether.

Ação physiologica. — Em pequena dóse é um tonico excitante e aperitivo; em dóse maior é uma substancia acre que produz ardor na bocca e na pharynge, salivação; irrita o tubo digestivo, produzindo anciedade epigastrica, nauseas, vomitos, gastralgias, colicas, diarrhêa, suores frios, diurese; mais tarde, vertigens, cephalalgia, movimentos convulsivos, dyspnêa, delirio, picadas nos membros, prurido da pelle, diaphorese, etc.

Nas mulheres gravidas, causa violentas dôres abdominaes, podendo determinar o aborto. Em dôses muito elevadas produz accidentes graves; além de accentuados os symptomas precedentes, manifestam-se hemorragias nasaes e intestinaes, paralysisia dos centros nervosos e a morte.

Usos therapeuticos. — Como estimulante energico do systema nervoso, a arnica foi preconisada nas paralysisias (Franck, Colin, Rogery, Martin, Lauzer, Trousseau) e na adynamia. Nas retenções de urinas, por atonia da bexiga, nos velhos (Héraud).

Stoll recommendava-a nas intermittentes, denominando-a *quinquina dos pobres*. Ensaios posteriores mostraram, porém, que a arnica não podia substituir a quina.

Como especifico contra a dysenteria, a considerou Stoll. Na mesma doença de character putrido (Hufeland); nas diarrhêas pertinazes do 3.º periodo do typho (Roques, Cazin, etc.).

Nas febres mucosas adynamicas e putridas (Colin, Gilibert, Stoll). Nas nevroses e helmynthiasis (Beirão).

Catarrho suffocante, pneumonia e typho (Fonssagrives). O dr. Gentil de Amorbach refere que n'uma epidemia de coqueluche, e, contra a qual todos os meios foram infructiferos, correspondeu a raiz da arnica prescripta na dóse de 2 a 4 gr. em decocto. Nas amauroses empregaram-n'a Colin, Mourray. Contra a gotta e rheumatismo (Buchut, Bouchar-dat, Gubler).

Externamente, como vulnerario, foi, na antiguidade, objecto de enthusiasmo.

Introduzida e preconisada por Fehr, adquiriu uma grande reputação na Allemanha.

Desde então constituiu um remedio popular nas commoções cerebraes, echymoses, hematomas, traumatismos craneanos, cognominando-a Meissner e Fehr — *panacea lapsorum*.

M. M. Cartier ¹ e Paul de Molenes ² chamaram a attenção sobre os inconvenientes da arnica em applicações externas, citando em apoio da sua opinião, factos observados por outros auctores.

Billroth e Winiwarter na sua *Pathologia chirurgica geral* prescreve a arnica no penso das feridas.

É vulgarissimo, ainda, quer na mão dos medicos,

¹ *Lyon médical*, 1884, t. XLV, pag. 501: « eruption érysipélateuse de la face produite par l'application de teinture d'arnica.

² *Annales de dermatologie et de syphilis*, t. VII, n.º 2.

quer na dos pharmaceuticos, o emprego da tintura de arnica, no penso das feridas.

Planat recommenda como abortivo do furunculo, unções feitas com extracto de flôres frescas de arnica 10 gr. e mel 20 gr.

Pharmacologia e posologia. — Infuso ou decocto (flôres), 8-30 gr. para 1:000 de agua fervente; infuso das folhas, 15-30 gr.; decocto das raizes, 4-15 gr.; pó (raiz), 60 centigr. a 4 gr.; pó (flôres), 30 centigr. a 2 gr.; em pilulas *sachets*, ou muito fino, como sternaltorio; hydrolato, 50-100 gr.; extracto aquoso e alcoolico, 50 centigr. a 4 gr.; em poção, pilulas, etc.; tintura alcoolica, 1-20 gr.

PERSONADAS

Verbascum thapsus L.

Verbasco

Desc. — Planta de 6-10 decim.; caule tomentoso; folhas oblongas e tomentosas; flôres (Julho-Agosto) amarellas, em espigas.

P. us. — Folhas e flôres.

Propriedades e noções chemicas. — As flôres têm um cheiro ligeiramente aromatico, agradavel e de sabor viscoso, um pouco assucarado; devem ser colhidas, immediatamente, seccas e conservadas bem apertadas e ao abrigo da luz, do contrario ennegrecem.

O caule e as folhas são ligeiramente amargas.

As flôres contêm: óleo volátil, amarellado, matéria gorda acida, bastante analogo ao ácido oleico; gomma, assucar incristallisavel, principio corante amarello, de natureza resinosa, saes de potassa e de cal (Morin); as sementes contêm um principio narcotico, cujo estudo chimico ainda está por fazer (Gilbert Cornevin).

Acção physiologica. — As flôres e as folhas são emollientes, bechicas, peitoraes e antispasmodicas; as sementes são narcoticas.

Usos therapeuticos. — Infuso¹ das flôres nos catarros pulmonares, tosse convulsiva das creanças, colicas, dysenteria, inflammações gastro-intestinaes, emfim, em todas as doenças, cuja indicação consiste em moderar os spasmos e o erethismo. O decocto das folhas é excellente em clysteres nos tenesmos e dysenteria, e em semicupios nas hemorrhoides; em fomentações nas queimaduras e prurido dartroso. Fervidas as folhas em leite, e sob a fórma de cataplasma, nos furunculos, panaricios, hemorrhoides; contundidas e applicadas, localmente, curam rapidamente as feridas que os mendigos fazem com as ranunculaceas, para despertar o sentimento da caridade publica, apresentando aos viandantes os membros, principalmente os inferiores, com ulceras, por vezes repellentes.

¹ É indispensavel filtrar este infuso, porquanto os pêllos rudes que cobrem os filetes dos estames provocariam tosse, em consequencia da irritação mechnica que exerce na garganta.

As sementes podem empregar-se como toxicas, para *atordoar* ou envenenar os peixes.

Pharmacologia e posologia. — Infuso das flôres, 10-30 gr. para 1:000; decocto, 30-60 para 1:000.

Externamente: decocto das folhas, 30-60 gr. para 1:000 em loções, fomentações e clysteres e para cataplasmas, folhas q. b.

Graciola officinalis L.

Graciosa ou Graciola

Desc. — Caule erecto, simples, glabro; folhas sessis, oppostas, glabras; flôres (Estio) axillares solitarias, brancas.

P. us. — Toda a planta.

Propriedades e noções chimicas. — Todas as suas partes inodoras e de sabor amargo, nauseoso, desagradavel, são venenosas.

A deseccação e decocção modificam, em pouco, as suas propriedades.

Contém: materia resinosa, extremamente amarga, materia gommosa, malato, phosphato e oxalato de cal, ferro phosphatado, silica, lenhoso (Vauquelin), tannino, *graciolina* (Marchand), *graciosolina*, *graciolacrina* e acido graciolico (Valt).

A *graciolina* é um glycoside, que tem por fórmula $C^{20}H^{34}O^7$. É branca, amarga, crystallina, soluvel na agua fervente, no alcool e insoluel no ether.

Tratada pelo acido sulphurico adquire a côr vermelha; ao contacto do ammoniaco e da potassa, côr verde.

Pela ebullição, em acido sulphurico diluido, durante uma hora, desdobra-se em assucar, *gracioloretina* e *gracioletina*.

Acção physiologica. — Em dôses therapeuticas produz vomitos, diarrhêa abundante e diurese.

Em dôses elevadas os mesmos phenomenos accentuados, colieas, diaphorese, hypersalibação, orgasmo venereo ¹, depressão consideravel de forças, syncope, diminuição de temperatura.

Os animaes estão muito sujeitos a soffrer os seus perniciosos effeitos; porque muitas vezes vem misturado ao fêno que comem.

Na especie humana tem occasionado alguns envenenamentos, pela falta de circumspecção no seu uso pelo povo, como purgante, emmenagogo e, por vezes, como anthelminthico.

Em infuso o homem não pôde, sem perigo, exceder a dôse de 10 gr.

Usos therapeuticos. — Foi preconizada, como drastico emetico e emeto-cathartico.

Como succedaneo das coluquintidas na hydrope-

¹ Ranvier e Bouvier observaram em mulheres casos de nymphomania, em seguida a clysteres de graciola. Em Lyão houve um condemnado da morte pelo envenenamento d'esta planta.

sia, congestões, apoplexia, engorgitamentos visceraes (Gubler).

Na ascite e helmenthiase (Boulduc, Cazin). Nas affecções cutaneas, syphilis (Stoll, Swediaur); nas intermittentes (Cazin). Foi ainda empregada, contra a gotta, rheumatismo, delirium tremens, leucorrhêas, etc.

Pharmacologia e posologia. — Infuso ou decocto, 4-10 gr. para 120 de agua ou vinho; pó, 50 centigr.-1 gr. (vomitivo) ou 1-2 gr. (purgante); extracto, 10 centigr.-1 gr.; vinho, 50-10 gr.; tintura, 50 centigr.-2 gr. só ou em poção.

Externamente: clysteres, 2-4 gr. como vermifugo, 10-15 gr. como purgante.

PAPAVERACEAS

Chelidonium¹ majus

Herva andorinha

Desc. — Planta de flôres amarellas pequenas; folhas molles, glabras e verdes por cima, glaucas por baixo, de segmentos ovaes; fructo, vagens bivalva.

P. us. — Raiz, folhas, flôres e succo.

¹ Chelidonium vem do grego χελιδον, andorinha, porque está em florescia durante toda a época das andorinhas.

Propriedades e noções químicas. — Exhala um cheiro especial e todas as suas partes são engorgitadas de um succo amarello muito acre e venenoso. A dessecação e a decocção não destroem as suas propriedades venenosas.

O succo contém: materia resinosa, amarella e amarga, materia gommo-resinosa, similhante á gomma gutta, nas suas propriedades e acção venenosa, alaranjada, amarga e nauseabunda, azotato e chloreto de potassa, acido citrico e malico, saes de cal, silica, albumina (Chevalier e Lassaigne), *chelidonina*, *chelerithina*, analogo á *sanguinarina*, segundo Hiel, *chelidoxantina* e acido chelidonico (Brobst). Segundo estudos de varios chimicos e em particular de Schmidt, o acido chelidonico não é senão o acido succinico, com o qual deve ser identificado.

A *chelidonina* é amarga, solida, incolor, crystallisavel, insoluel na agua, soluvel no alcool e no ether.

A *chelerithina* é pulverulenta e venenosa, em pequena dóse, formando saes vermelhos, amargos, soluveis na agua. A *chelidoxantina* é uma substancia amarella, amarga, não azotada, crystallisavel.

Acção physiologica. — *Acção topica.* — Aplicado sobre a pelle o succo da chelidonia é irritante, rube-faciente e caustico.

Acção geral. — Em dóse média é excitante, purgante e diuretico. Em dóse elevada é narcotico-acre; produz, rapidamente, nauseas, vomitos, depois coliccas, acompanhadas de dejecções abundantes de ma-

terias fecaes, diarrheicas ou dysentericas e, secundariamente, irritação do systema nervoso.

O principio activo da chelidonia localisa a sua acção, especialmente, no aparelho digestivo; porquanto, praticando-se uma injeccção subcutanea ou intravenosa com o succo, obtem-se effeitos evacuan-tes e irritantes, assim como se encontram lesões analogas ás que produzem os purgantes drasticos.

Segundo Cornevin, nos casos de envenenamento deve procurar-se no tubo intestinal os alcaloides especificos qualquer que seja a via de introduccção do veneno. Encontram-se igualmente no sangue, no fígado, na bilis e no baço. São estaveis, porque dez semanas depois de os ter misturado ao sangue e aos alimentos, podem ainda isolar-se.

Em razão da sua estabilidade e da sua passagem no sangue, não deve utilizar-se a carne dos herbivoros envenenados pela chelidonia.

Usos therapeuticos. — Apreciada no seu justo valor pelos antigos, foi empregada, como emetico e emeto-cathartico por Bodard e Cazin. Galeno, Dioscorides, Gilibert e Grislei empregavam o infuso em vinho branco, contra a ictericia.

Na hydropesia e atonia das visceras empregaram Forestus e Cazin o decocto em cerveja.

O extracto vinoso da planta na dóse de 1^{gr},20 a 1^{gr},50, dissolvido em agua destillada, foi usado por Lange contra a ictericia, febres intermitentes e obstrucções das visceras abdominaes.

Hufeland, Gilibert, Lynneu e outros usaram o ex-

tracto e o succo na ictericia e nas quartãs rebeldes. Radmaker collocou-a entre a classe dos remedios hepaticos particulares, preconizando-a nas affecções chronicas do figado.

Na cachexia palustre ascite escrophulose (Recamier).

Nas affecções cutaneas (Recamier, Cauvet, Cazin).

Externamente, nas verrugas, callos, ulceras escrophulosas, escorbüticas e atonicas. Em collyrio (4 gr. de succo para 60 a 100 de hydrolato de rosas), nas ophthalmias, manchas da córnea, blepharites. Igualmente se empregou com exito contra a tinha uma pomada composta de p. e. de succo de chelidonia, sabão branco e pomada camphorada.

Nas feridas recentes ou em suppuração considero o succo como excellente cicatrizante; não só por experiencia propria, mas tambem pelo uso que d'ella tenho feito em clientes meus (pobres).

Pharmacologia e posologia. — Infuso ou decocto das folhas, 15-30 gr. para 1:000 para tomar aos copos. Decocto da raiz 10-15 para 1:000, por copos nas vinte e quatro horas. Succo, 50 centigr.-2 gr. em agua assucarada, só, ou em poção; pó da raiz, 2-4 gr. em um vehiculo ou em pilulas; extracto aquoso, 25 centigr. a 1 gr.; vinho (15-50 gr. de raiz para 1:000 de vinho), 30-60 gr. pela manhã.

Externamente, succo da planta, quanto baste, só, ou diluido, como topico rubefaciente e estimulante da pelle e como cicatrizante.

Decocto para loções e injecções, etc.

GRAMINEAS

Zea mais ¹ L.**Milho**

Desc. — Planta de 1-2 metros, raízes numerosas, esbranquiçadas; caule (canna) simples, cylindrico, glabro; folhas alternas envaginantes, sesseis; flôres monoicas (Julho-Agosto): masculinas, esverdeadas ou purpurinas, formando uma panicula terminal: femininas, situadas na axilla das folhas e dispôstas em uma espiga sessil; fructos (caryopses) em espiga, brancos, amarellos, vermelhos, etc.

P. us. — Caule (canna), fructos e stigmates (vulgo barbas de milho).

Propriedades e noções chimicas. — Tem cheiro herbaceo, os stigmates são veludineos e a canna tem sabor adocicado.

Os fructos contêm: amido, materia azotada, materias gordas, dextrina, cellulose e substancias mine-
raes. Os stigmates contêm: materia extractiva amarga, soluvel na agua, no alcool e analogo, pelos seus caracteres physicos, á ergotina e materia gorda, solidificavel pela potassa e manita. A materia extractiva

¹ Vem do grego ζαειν, viver.

é, segundo Vassal, o principio activo. A canna contém: materia assucarada particular.

Accção physiologica. — Os stigmates constituem um agente diuretico incontestavel. Sob a sua influencia, e no espaço de tres a quatro dias, a secreção urinaria augmenta, o pulso regularisa-se, a tensão arterial augmenta e a tensão venosa diminue. Não exerce perturbação alguma quer sobre o systema nervoso quer sobre o tubo digestivo. A tolerancia do organismo é completa, absoluta, e a medicação nas doencas chronicas póde ser continuada sem inconveniente, durante muito tempo.

As flôres masculinas (pendão) quando verdes e administradas durante algum tempo, e sem interrupção, aos bois, determinam, segundo observações de veterinarios, a formação de calculos, colicas nephreticas, dilatação dos ureteres, cystite, urethrites e suspensão parcial ou total da excreção urinaria.

Usos therapeuticos. — Os stigmates são indicados nas affecções catarrhaes da bexiga, na gravella, cystite aguda ou chronica, disuria, colicas nephreticas, retenções de urina antigas.

A canna secca ou verde ¹, sob a fórmula de deco-

¹ Sobre as virtudes therapeuticas da canna póde lér-se a obra do dr. D. Salvador Soliva, medico botanico, academico de numero de la Real Academia Medica Matritense, y D. Joaquin Rodrigues, intitulada — *Observaciones de las eficaces virtudes nuevamente descubiertas ó comprobadas en varias plantas — de 1788.*

Ahi se encontram sessenta e seis curiosas observações.

cto, goza das mesmas propriedades. Os fructos, que fazem parte da alimentação, são, por vezes, atacados por um cogumelo, chamado verdete.

N'estes casos o uso do pão seria uma das causas principaes da producção da pellagra.

O decocto dos fructos constituiu uma mésinha de Santo Ambrosio, com a qual curava as febres (Grislei).

A medulla esponjosa do caule, depois de fervida n'uma solução de nitro, e secca, foi proposta para fazer moxas.

Esta planta é de uso vulgarissimo e frequentemente empregada, principalmente as barbas de milho, como diuretico.

Pharmacologia e posologia. — Tisana, 20 para 1:000; xarope de extracto, ás colheres de sopa de duas ou tres em tres horas.

Lolium temuletum L.

Joio

Desc. — Planta annual, herbacea, de 60 centim. de altura e que floresce de Junho-Agosto.

P. us. — Caryopses.

Acção physiologica. — Em dóse superior a 30 gr. de farinha, quantidade maxima que o homem póde ingerir sem inconvenientes, actua como toxico, determina vertigens, perturbação da vista, rigidez muscular, cansaço, e somnolencia muito accentuada.

O doente cede geralmente ao somno e os symptomas dissipam-se. Se a quantidade é muito elevada, experimenta náuseas, com ou sem vomitos, pyrose, peso no epigastro, perturbações de vista, zumbido de ouvidos e, vinte a vinte e quatro horas depois, diarrhêa com dôres intestinaes mais ou menos violentas, tenesmo vesical, com micções frequentes e dolorosas, respiração retardada, pulso pequeno, convulsões, delirio e morte.

Estes accidentes podem observar-se nos animaes pela distribuição das crivagens ou da farinha nas levaduras, no homem pelo uso do pão fabricado com a farinha misturada em quantidade sufficiente á do trigo, centeio, etc., pelo uso da cerveja, fabricada com cevada infestada de joio e pelo uso da aguardente, obtida pela fermentação do centeio, encerrando igualmente grande quantidade de joio.

Usos therapeuticos. — Foi utilisado nas cephalalgias, dôres sciaticas, epistaxis (Fantoni), na meningite rheumatismal (Fantoni, Macedo Pinto).

Externamente nas ulceras e dartos (Dioscorides).

Pharmacologia e posologia. — Decocto, 2 a 4 gr.; pó, 1 a 2 gr. de quatro em quatro horas em pilulas; extracto, 0,50 gr. a 1 gr.

UMBELLIFERAS

Apium graveolens L.**Aipo**

Desc. — Planta 2-6 decim.; caules numerosos, erectos, cannelados, nodosos, etc.; folhas um pouco carnosas, as radicaes pecioladas e as superiores sesseis e alternas; flôres (Julho-Setembro) hermaphroditas, de um branco amarellado e em umbellas terminaes.

P. us. — Raiz, folhas e fructos.

Propriedades e noções químicas. — O succo amarellado, de cheiro forte, aromatico, e de sabor aromatico, acre e amargo. O cheiro desaparece, em grande parte, pela dessecação. Contém: oleo volatil incolor, oleo gordo, bassorina, materia extractiva acastanhada, materia gommosa, mannita, enxofre, chloreto e azotato potassicos.

Acção physiologica. — Goza de propriedades tonicas, excitantes, anti-febris, carminativas e diureticas. A raiz recente é venenosa ou, pelo menos, suspeita.

Usos therapeuticos. — Como diuretico, foi administrado na hydropesia, cachexia palludosa e ictericia. O decocto das folhas, 30-60 gr. para 1:000; na extincção de voz, asthma humida e catarrho pulmonar chronico.

Nas febres palludasas e intermittentes, com en-

gorgitamento do baço, etc., tem-se obtido resultado, fazendo tomar em tres dôses 150-200 gr. do sumo do aipo, no intervallo dos accessos e diminuindo progressivamente esta dôse.

O succo e o extracto é considerado como tonico e febrifugo.

As folhas pisadas e applicadas, unicamente ou com addição de vinagre e de sal, nos engorgitamentos leitosos e nas contusões; como deterativo, nas ulceras antigas e, em pomada, com partes iguaes de folhas de menthe, para dissipar os engorgitamentos leitosos.

Pharmacologia e posologia.—Infuso ou decocto das raizes, 30 a 60 gr. para 1:000 (uso interno), 50 a 100 gr. para 1:000 (uso externo); succo das folhas, 30 a 60 gr. (diuretico), 100 a 200 gr. (febrifugo); xarope, 30 a 60 gr.

É uma das cinco raizes aperientes; a semente faz parte das quatro sementes quentes.

Apium petrolesinum L.

Salsa

Desc.—Caule 45-60 centim.; raiz conica esbranquiçada, fibrosa; folhas de peciolo canaliculado, bipennadas; flôres brancas (Julho-Agosto), branco-amarelladas dispostas na extremidade dos caules e dos ramos em umbellas.

P. us. — Raiz, folhas e sementes.

Propriedades e noções químicas. — Todas estas partes possuem um cheiro e sabor característicos que são mais fortes na raiz que nas folhas e que adquirem o seu maximo de intensidade nos fructos.

As sementes contêm: oleo essencial, materia gorda, pectina, chlorophylla, tannino, materia corante amarella, lenhoso, saes mineraes; substancias da natureza das essencias liquidas; uma camphora ($C^{12}H^{14}O^4$).

O oleo essencial ou *apiol* é um liquido oleaginoso, de um sabor especial e tenaz, sabor picante e acre insolúvel na agua, solúvel no alcool, ether chloroformio. Esta essencia encontra-se, não menos abundantemente, nas outras partes da planta; a raiz contêm uma certa quantidade de fecula que a torna nutritiva.

Acção physiologica e usos therapeuticos. — A raiz é nutriente, estimulante, aperitiva e como diuretica e diaphoretica, contra a ictericia, hydropesia, diarrhêa, e para facilitar a erupção de certos exanthe-
mas.

As sementes são carminativas.

O succo como febrifugo e na blennorrhagia; as folhas são utilizadas, como condimento; pisadas, como resolutivos, unicamente, ou em agua ardente, nas contusões, echymoses, engorgitamentos mamarios, tumores frios e ulceras de mau character. O *apiol* como febrifugo, principalmente, como emmenagogo. Na dóse de 50 centigr. a 1 gr. determina uma ligeira

excitação cerebral analoga á que produz o café, calor epigástrico, temporario, e uma sensação de bem estar. Na dóse de 2 gr. produz phenomenos nervosos, taes como: perturbações de ouvido, vertigens, títubiação, comparaveis ás que determinam o sulphato de quinina em dóse febrifuga.

As folhas e as sementes apresentam estas propriedades em grau menor.

Pharmacologia e psologia. — Infuso das raizes ou sementes, 4 a 8 para 1:000; decocto das raizes verdes ou seccas, 30 a 80 gr. para 1:000; hydrolato, 60 a 100 gr.; succo, 100 a 140 gr.; alcoolatura, 4 gr.; extracto, 60 centigr. a 1 gr.; pó de sementes, 1 a 2 gr.; apiol, 25 centigr. duas vezes por dia, como emmenagogo.

Anethum faeniculum L.

Funcho

Desc. — Caule herbaceo, ramoso; folhas envaginantes na base e terminadas em foliolos, quasi capilares; flôres (Junho-Julho) amarellas, pequenas, em umbellas terminaes, etc.

P. us. — Folha, raiz e fructos.

Propriedades e noções chemicas. — A planta exhala um cheiro aromatico caracteristico; a raiz tem um cheiro dôce, agradável e sabor analogo ao da cenoura, os fructos um cheiro aromatico forte, sabor assucarado, quente, e um pouco acre.

Os fructos contêm: óleo essencial, incolor ou amarelado, um cheiro suave muito agradável e solidificavel a $+ 5^{\circ}$; óleo gordo, uma pequena quantidade de extracto resinoso, soluvel no alcool, extracto aquoso e assucar; a raiz um pouco de essencia, amido, assucar.

Ação physiologica. — Estomachico, aperitivo, carminativo, estimulante e emmenagogo, bechico e diuretico.

Usos therapeuticos. — Dyspepsias, flatuosidades, cólicas nervosas das creanças, diarrhêas serosas, hydropesia, hypocondria, hysteria, etc.

Externamente: como resolutivo nos tumores indolentes, engorgitamentos atonicos; tinha, sarna, etc. Em collyrio nas inflammações dos olhos.

Pharmacologia e posologia. — Infuso dos fructos, 10 gr. para 1:000; infuso da raiz, 30 gr. para 1:000; hydrolato, 25 a 100 gr.; pó dos fructos, 1 a 5 gr.; alcoolato, 4 a 20 gr.; óleo volatil, 5 a 10 gr. ou 1 a 10 gottas; decocto da raiz, 20 a 50 gr.

Externamente: pó, folhas em cataplasmas, óleo essencial em pomada.

O pó de funcho faz parte do pó de alcaçuz composto ou *pulvis pectoralis* (Kurellae).

Entre nós usa-se muito da agua de funcho nas doencas inflammatorias dos olhos e em defumadouros.

MÓREAS

Ficus cárica

Figueira

Desc. — Arvore de 5-6 metros e mais; tronco liso, muitas vezes tortuoso; folhas grandes pecioladas, alternas, divididas em lobulos e cobertas de pêllos na pagina inferior; flôres (Junho-Agosto) monoicas, numerosas, encerradas n'um receptaculo, etc.

P. us. — Sycones (figos), folhas e succo recente.

Propriedades e noções chimicas. — Todas as partes tenras da planta e principalmente os sycones (figos), são, antes da maturação, engorgitados, de uma grande quantidade de lactex branco, aere, de cheiro nauseoso e sabor desagradavel e um pouco viscoso.

Sob o ponto de vista biologico é inteiramente analogo ao succo da cárica papaya. Pela maturação a maior parte d'elle é convertido em assucar.

Contém: assucar (62 para 100), gomma (5 para 100), materia extractiva, acido phosphorico, chloreto de calcio, materia oleosa, sementes e agua. O succo contém gomma elastica, resina, albumina, materia extractiva, substancia odorifera, saes e agua.

Depois d'um estudo scientifico, constatou Bouchut em 1870 a existencia de um fermento peptico.

Introduzindo n'um tubo 5 gr. de succo, 60 gr. de

agua destillada e 10 gr. de fibrina, e mantendo-se a temperatura a 50°, a fibrina é dissolvida no fim de algumas horas. Em 1885 confirmaram estes factos Bianchi e Hansen.

Este succo apresenta mais a propriedade de coagular o leite, o que eu observei, e além d'isso torna a carne tenra.

Acção physiologica. — Os figos são emollientes, peitoraes, bechicos e laxativos; o succo purgante, anti-leitoso e caustico.

Usos therapeuticos. — Figos seccos ou frescos em applicações topicas, como emollientes nos tumores dolorosos ou inflammatorios e nos abcessos das gengivas; fervidos em leite, em gargarejos, nas inflammações da garganta e estomatites. O succo leitoso, como caustico, nas verrugas e callos e certas dermatoses. As folhas nas hemorrhoides, para as sangrar.

Internamente, os figos como nutritivos¹, e sob a fórmula de decocto em agua ou leite, como emollientes, peitoraes nos catarrhos bronchicos pulmonares, affecções nephreticas, colicas, etc. O succo, como purgante e anti-leitoso.

Pharmacologia e posologia. — Decocto, 15 a 60 gr. para 500 de agua ou leite; succo, como eupeptico.

¹ Já no tempo dos Romanos os figos eram considerados um alimento por excellencia. Durante a maturação d'elles os athletas não buscavam outro alimento. Zenan alimentava-se exclusivamente d'este producto natural.

SALICINEAS

*Salix alba***Salgueiro branco**

Desc. — Folhas pecioladas, alongadas e lanceoladas, cobertas na pagina inferior de pêllos brancos, sedosos; flôres (Maio-Junho) branco-amarelladas.

P. us. — Casca.

Propriedades e noções chimicas. — A casca é inodora, muito amarga e um pouco adstringente. É preferivel a dos ramos de 2-3 annos.

Contém: materia corante, soluvel no alcool e um pouco na agua; materia gorda verde, gomma, extracto resinoso, tannino, lenhoso e um principio immediato — a *salicina*, crystallisavel em agulhas brancas, transparentes, inodoras, inalteraveis ao ar, de sabor muito amargo, pouco soluvel na agua fria, mais na agua quente, insoluel no ether.

Em presenca do acido azotico, transforma-se em *helicina*. Sob a acção dos acidos sulphurico e chlorhydrico dá logar á *saliretina*, e, sob a influencia da synaptase, desdobra-se em glycose e *saligenina*, que, por successivas oxydações, origina os acidos salicyloso e salicylico.

Acção physiologica. — A casca goza de propriedades tonicas pronunciadas, algum tanto adstringentes, e bem assim de propriedades antipyreticas.

Usos therapeuticos. — O seu uso convém como tonico amargo e adstringente, na atonia do tubo digestivo, dyspepsias, gastralgia, diarrhêa, fluxos mucosos rebeldes, e sobretudo na leucorrhêa e emfim em todos os casos em que são indicados os tonicos. Como antipyretico empregou já Etner, medico austriaco, em 1694, o decocto das folhas; mas, só em 1763, é que principiou a fazer-se uso da casca de salgueiro contra as intermittentes.

Por esta data participou Stone á Sociedade Real de Londres haver curado cincoenta casos.

Em 1772 declara Gunz no *Jornal de Medicina*, que a casca de salgueiro é um antiperiodico infallivel.

Hoenig (1778) obteve alguns casos de cura pelo uso exclusivo da casca. Leoffler recommendou-a em todos os casos em que a quinquina era indicada. Gilibert teve alguns casos de terçãs e quartãs, radicalmente curados. Vauters e Bromer (1810-1812) accrescentam, em seu favor, numerosos casos de cura.

Em 1814 falla Alibert do seu valor therapeutico contra as intermittentes.

Em 1834 dizem Merat et Delens: *que a sua unica virtude incontestavel é ser um bom febrifugo.*

Entre nós, depois de percorrido um seculo á descoberta do febrifugo indigena, é que a casca de salgueiro teve algum, ainda que ephemero, prestigio.

Foi em 1862 que o seu decocto foi experimentado por medicos competentissimos, nos hospitaes mais populosos do reino, contra as febres intermittentes,

e, mais ainda, quando o dr. Barral propoz á Academia Real das Sciencias de Lisboa um premio pecuniario para aquelle pratico que demonstrasse a existencia de um antiperiodico indigena, succedaneo da quinina, no tratamento das sezões.

Foi então a casca de salgueiro o que mais satisfez aos desejos dos medicos portuguezes.

Externamente foi preconizada por Harthman e Luders, como anthelmintico poderoso, sob a fórma de decocto, em clysters, contra as ascarides lombrioides.

Como antiseptico (Rabuteau); o decocto ou pó contra as ulceras atonicas, gangrena e podridão de hospital (Sthol, Cazin e Trousseau).

Depois de varias experiencias esta planta cahiu em desuso no nosso paiz.

A proposito direi como Plinio: «Ha na verdade uma disposição natural do espirito humano sempre mais inclinado a avaliar ou estimar o que não possui ou o que é raro e caro, do que o que possui e vê crescer a seus pés.»

Pharmacologia e posologia. — Decocto, 30 a 60 gr. para 1:000; pó, 2 a 4 gr.; tintura (1 para 4 de alcool), 10 a 30 gr. em poção.

Externamente: decocto para loções, fomentações, gargarejos, cataplasmas, etc.

CAPRIFOLEACEAS

Sambucus nigra L.**Sabugueiro**

Desc. — Caule 3-4 metros de altura sobre 20-25 centim. de diametro; casca cinzenta, fendilhada e verrugosa; folhas oppostas, pecioladas, imparipennadas, quasi sesséis, ovaes, etc.; flôres (Junho) de um branco amarellado em cima, etc.; baga (Setembro) globulosa e negra.

P. us. — Flôres, bagas, casca do caule e da raiz.

Propriedades physicas e noções chimicas. — As flôres, quando frescas, são brancas e de cheiro nauseoso, um pouco fetido e um sabor amargo. Depois de seccas tornam-se amarellas e de cheiro agradável.

As bagas têm cheiro fraco e sabor acidulo; a entre-casca é esverdeada e tem um sabor, primeiramente, dôce, e, em seguida, amargo, acre e adstringente.

As flôres contêm: oleo volatil, gomma, gluten, albumina vegetal, resina acre, materias extractivas, azotada e oxydada, acido tannico, enxofre, malatus de potassa e de cal, fibrina e saes.

O succo das bagas contém: acidos malico, citrico, assucar, pectina, gomma, materia córante vermelha.

O liber (entre-casca) contém: ácidos tannico e valeriano, assucar, gomma, materia extractiva, pectina e saes.

Acção physiologica. — As flôres frescas e folhas são laxativas, catharticas e, segundo Cornevin, tambem narcoticas; seccas são diaphoreticas. As bagas, purgantes e sudorificas. A casca drastica e diuretica.

Usos therapeuticos. — As flôres seccas nos catarros bronchicos pulmonares, nos exantheas agudos supprimidos (sarampo, variola, escarlatina) e na angina.

As folhas na hydropesia e ammenorrhêa (Hippocrates, Dioscorides), erysipela, ictericia, calculos biliares, etc. As bagas na hydropesia e algumas doenças do utero (Hippocrates), rheumatismo e syphilis.

A casca na ascite (Boerhaave, Sydmen); na gotta (Zacuto, Chomel).

Externamente: infuso de folhas em collyrio, em fomentações, calmantes e resolutivas.

Pharmacologia e posologia. — Decocto, 20-30 gr.; pó, 2-4 gr.

MALVACEAS

Malva sylvestris L.**Malva**

Desc. — Planta 3-6 decim.; raiz carnosa, branca; folhas alternas, de longo peciolo; flôres (Junho-Agosto) côr lilaz, etc.

P. us. — Folhas e flôres.

Propriedades e noções químicas. — É inodora e tem sabor herbáceo.

Contém: grande quantidade de mucilagem viscosa, dôce, materia côrante, azul pallido.

Ação physiologica e usos therapeuticos. ¹ — A malva era outr'ora uma planta alimentar; era o legume refrescante preferido dos egypcios e dos romanos.

Martial diz:

Exoneratus ventrem mihi villica malvas.

Attulit...

As folhas e as flôres são frequentemente empregadas como emolliente e bechico, nos catarrhos pul-

¹ Em um caso de psoriasis palmar, que tinha resistido a todos os tratamentos, o dr. Berry empregou com successo uma pomada de malva, com o decocto de folhas recentes em banha, depois de préviamente contundidas.

monares, inflammações da garganta, gastro-intestinaes e da bexiga.

Segundo Grislei, o caldo de malva, dado repetidas vezes, facilita muito o parto; a semente cozida com vinagre abranda a dôr dos dentes cariados; com vinho tinto tira o fastio.

O decocto em leite e vinho sara a tosse e é singular mészinha para a tysicsa (Grislei).

Pharmacologia e posologia. — Infuso, 10 gr. para 1:000; decocto, 15 a 30; que é empregado em clysteres, fermentação, loções e injeções. As folhas entram na composição das especies emollientes, as flôres fazem parte das quatro flôres peitoraes.

BORRAGINEAS

Borrago¹ officinalis L.

Borragem

Desc. — Planta 3-7 decim.; coberta de pêllos rudes, caule herbaceo, cylindrico; folhas alternas, ovaes, cobertas de pêllos; flôres (Junho a Setembro) azues e roxas.

P. us. — Toda a planta.

¹ Vem de *cor ago*, alludindo ás propriedades cordiaes.

Propriedades e noções químicas. — Tem um cheiro ligeiramente vinoso e sabor herbáceo, mucilaginoso.

Contém: materia mucilaginosa, substancia azotada, saes vegetaes de potassa e de cal e azotato de potassa.

O seu succo viscoso e insipido é tão espesso que, para obtel-o, é preciso juntar muitas vezes agua, ao prensar a planta.

Clarificado pela albumina do ovo, e evaporado á consistencia de xarope, dá crystaes de nitro; o decocto das folhas evaporado tambem á consistencia xaroposa, dá, ao cabo de alguns dias, crystaes do mesmo sal.

Ação physiologica. — A planta colhida antes da floração é um bechico e emolliente; porque predomina o elemento mucilaginoso. Durante a floração, depurativo e diaphoretico, e depois d'esta é diuretico.

Usos therapeuticos. — Como bechico e emolliente nos catarrhos pulmonares, bronchite, pneumonia. Como diaphoretico nas febres eruptivas, rheumatismo. Como diuretico nas febres biliosas e inflammatorias.

As folhas, mascadas muitas vezes, nas dôres de dentes, e comidas crúas ou cozidas, nos convalescentes, etc. (Grislei).

Os antigos attribuiam-lhe virtudes estimulantes e hilariantes, apesar de ser insipida e quasi inodora, e como especifico contra a hypocondria e melancolia. Estas virtudes imaginarias conservaram-se com o se-

guinte aphorismo: *Dicit borrago: gaudia cordis ago.*

Pharmacologia e posologia. — Infuso das flôres ou decocto das folhas, 20 a 60 gr.; succo, 50 a 100 gr.; extracto 2 a 8 gr.

Externamente, o decocto de toda a planta para as fomentações e fumigações.

URTICACEAS

Parietaria officinalis L.

Parietaria

Desc. — Planta 3-8 decim.; raiz fibrosa; folhas alternas, pecioladas, ovaes; flôres (Julho-Outubro) pequenas, verdes, sesseis, etc.

P. us. — Toda a planta.

Propriedades e noções chimicas. — É inodora e tem sabor herbaceo e ligeiramente salino.

Contém mucilagem, azotato de potassa e enxofre.

Ação physiologica. — Goza de propriedades emollientes, refrigerantes e diureticas.

Usos therapeuticos. — Emprega-se nas doenças das vias urinarias (stranguria, dysuria, cystite, nephrite, gravela, blennorrhagia); na hydropesia e, finalmente, em todos os casos em que os antiphlogisticos são indicados.

Alibert administrou-a, frequentes vezes, como diuretico.

Como emolliente, não direi em absoluto como Murray: *si quid emolliendo præstat id justius aquæ calidæ vehiculo tribues*; visto que a parietaria é mucilaginosa.

Pharmacologia e posologia. — Infuso, 15 a 30 gr.; hydrolato, 50 a 120, como vehiculo das poções diureticas; succo, 30 a 100 gr.; xarope, 50 a 100.

Externamente, em cataplasmas, fomentações, etc.

Urtica Urens L.

Urtiga

Desc. — Planta de folhas oppostas, ovaes, com longos peciolos; toda a planta é coberta de pêllos fistulosos e agudos que segregam um liquido corrosivo e ardente.

P. us. — Toda a planta.

Propriedades e noções chemicas. — Contém: tanino, materia azotada, acido galhico, azotato de potassa e de cal, acetato de cal, phosphato de potassa, chloreto de soda, silica, oxydo de ferro, acido formico, lenhoso.

Acção physiologica. — Topicamente é rubefaciente e vesicante. Internamente, como hemostatico.

Usos therapeuticos. — Externamente: *urticação*, revoltivo energico nas paralyrias, apoplexias, rheuma-

tismo chronico, anaphrodisia, febre typhoide, amenorrhêa; erupções cutaneas (Dr. Beirão).

As mesmas folhas contundidas com um pouco de sal, como efficazes na gangrena, ulceras putridas ou sordidas.

Internamente: nas hemophyses (Zacuto, Chomel, Cazin, Scopoly, Geoffroy, Frank); nas hematmeses e epistaxis (Ginestet, Mérat); nas metrorrhagias (Sydenham, Cazin, Fonssagrives).

Segundo Chomel, o succo da urtiga é o remedio mais certo contra a hemophyse e todas as hemorrhagias; em gargarejos o sumo ou decocto na angina, estomatites, e o decocto das folhas reduzido a consistencia conveniente, como resolutivas e deterrentivas nos tumores lymphaticos e ulceras de mau character.

Depois de ter cahido n'um esquecimento injusto, Ginestet apresentou, em 1845, á Academia de Medicina de Paris, uma memoria sobre a efficacia d'esta planta, na doença já citada, apoiando-se na observação de cincoenta casos que foram curados com a administração do succo, na dóse de 60 a 125 gr.

Merat na sua exposição á Academia citada, e a respeito da mesma doença, além de outras phrases encomiasticas, diz: *Que reconhecimento não se deve a quem poz em pratica tal meio? Não tenho razão alguma para duvidar da veracidade d'estes feitos, e se não tem sido repetido o uso da urtiga, é devido á falta de occasião, e nada mais facil, porque a planta abunda por todas as partes e as hemorrhagias uterinas não são raras.*

Mais tarde Ginestet communicou á Academia um novo feito, comprovando a propriedade hemostatica do sumo da urtiga, em uma hemorrhagia uterina de mezes e que tinha resistido a muitos meios empregados.

Menicucci empregou-a nos primeiros annos da sua clinica, como hemostatico, obtendo sempre resultados satisfatorios; e contra o prolapso uterino, introduzindo na vagina uma esponja embebida no succo. Em 1839 empregou-a o dr. Friard na diabetis. Gesnero preconisava a raiz contra a ictericia. Contra o eczema chronico, impetigo, psoriasis, etc., recommendava-a Bullar.

Pharmacologia e posologia. — Infuso, 5-10 gr.; decocto, 10-20; succo, 60-120; extracto, 5 decigr. a 1 gr. Faz parte do xarope hemostatico de Péneau. No povo e na mão de alguns medicos, usa-se a urtiga como hemostatico.

FUMAREACEAS

Fumaria officinalis L.

Fumo da terra — herva molarinha

Desc. — Caule glauco, quadrado, liso; folhas recortadas; flôres purpurinas com manchas pretas.

P. us. — Toda a planta florida.

Propriedades e noções químicas. — Contundida exhala cheiro herbáceo e tem sabor amargo e desagradável quando fresca, o qual aumenta pela dessecção.

É engorgitada de um succo aquoso, inodoro e amargo.

Os seus principios constituintes são: fumarina, extractivo, resina, acido fumarico.

A fumarina é uma base incolor, amarga, viscosa, crystallisavel, cujos saes têm um sabor amargo pronunciado e persistente.

O acido fumarico, $C^3H^2O^62H^0$, existe no estado de fumarato de cal e é identico ao acido paramalaico. É queimado no organismo, transformando-se em carbonato, como os tartarato, acetato, malato, tornando as urinas alcalinas.

Acção physiologica. — É tonico, depurativo, sudorifico e vermifugo.

Usos therapeuticos. — Foi aconselhada na atonia das vias digestivas, ictericia, engorgitamento das visceras abdominaes, affecções cutaneas, escorbüticas e escrophulosas.

Gilibert, Hoffman, Grislei usaram-n'a com bom resultado n'estas doenças, principalmente nas affecções cutaneas chronicas.

Leidenfrost, Thomson e Bodart, consideraram-n'a como excellente meio curativo da lepra. Desbois, que attribue as affecções cutaneas ao figado, considerou-a, como o melhor dos antiherpeticos.

A fumarina, na dóse de 2 a 3 centigr., é um ex-

citante moderado; na dóse de 20 a 30, actua como estimulante; sob a sua influencia, o appetite augmenta, o pulso accelera-se; mas estes effeitos são fugazes, e, continuando-se na sua administração, ha, immediatamente, tendencia para o somno e retardamento da circulação.

É á fumarina que deve attribuir-se os bons effeitos d'esta planta, na atonia dos orgãos digestivos.

Pharmacologia e posologia. — Infuso ou decocto, 30 a 60 gr. para 1:000 de agua, vinho, cerveja, etc.; succo, 50 a 250; extracto, 2 a 10 gr. em pilulas ou poções; xarope, 2 a 10 gr.

Externamente: decocto em fomentações, planta contundida em cataplasmas. Deve evitar-se a associação de tannino ou saes de ferro.

JUGLANDEAS

Juglans regia L.

Nogueira

Desc. — Arvore de folhas alternas, de 7-9 foliolos, quasi sesséis, ovaes; fructo globuloso, glabro, verde, etc.

P. us. — Folhas verdes ou seccas e pericarpo do fructo (casca exterior do fructo verde).

Propriedades e noções chímicas. — As folhas e os cachos das flôres masculinas exhalam um cheiro aro-

mático, sobretudo quando esmagadas. O sabor é um pouco amargo, resinoso, adstringente e picante; reunidas em grande quantidade produzem mal-estar e cephalalgias.

O pericarpo tem cheiro forte e aromático, sabor amargo, adstringente e picante.

Pela dessecção tem um sabor assucarado. Contém: materia acre e amarga, amido, chlorophylla, ácidos málico, tânico, cítrico e saes. A materia amarga é muito avida de oxigénio e contrae, sob a influencia d'este gaz, uma côr negra e uma completa insolubilidade na agua, e tingi de uma maneira, quasi indelevel, os dedos e os tecidos.

As folhas e os cachos contêm quasi as mesmas substancias.

Ação physiologica. — Goza de propriedades tónicas, excitantes e adstringentes.

Usos therapeuticos. — As folhas no tratamento da escrophula (engorgitamentos escrophulosos, ophtalmia escrophulosa, tumefacção e carie escrophulosa dos ossos).

Na leucorrhêa, nos fluxos do conducto auditivo, penso das ulceras e em injeccões deterrentivas nos tractos fistulosos.

As folhas frescas em applicações locais, contra a pustula maligna. O extracto como estomachico e anthelminthico; contra a granulia (M. Luton).

Segundo elle, este extracto teria effeitos therapeuticos rapidos, a febre desaparece, o appetite volta, as congestas viceraes e os accidentes locais attenuam-se

parallelamente, a dispnêa cessa e a doença marcha para a cura. Quanto ao mechanismo da sua acção é actualmente desconhecido e Luton não pôde affirmar se actua como tonico ou em virtude de uma acção especifica.

Hérard prescreveu, contra a tuberculose pulmonar, pilulas contendo cada uma, iodo 15 miligr., extracto de nogueira 20 centigr. O succo é empregado nas verrugas e tinha.

Pharmacologia e posologia. — Infuso de folhas ou de pericarpo, 20 para 1:000; decocto, 50 para 1:000 em injecções; extracto, 40-80 centigr. em pilulas; xarope, 30-45; pomada, collyrio, vinho.

CRASSULACEAS

Cotyledon umbilicus L.

Coelhos, sombreirinhos dos telhados chapotes

Desc. — Caule erecto; raiz tuberosa; folhas radicaes pecioladas; flôres (Maio-Julho) verde avermelhadas em cachos.

P. us. — Toda a planta.

Propriedades e noções chímicas. — Contém: oleo volatil, materia corante amarella, amido, glycose cellulose, mucilagem, tannino, cera, chlorophylla, aci-

dos phosphorico, sulphurico, silicico, chloro, potassa, cal, soda, oxydo de ferro e azotato de potassa, ammoniaco; trymethylamina que é um liquido incolor, de cheiro forte ammoniacal.

Acção physiologica. — Refrigerante, lithontriaco, diuretico (Grislei); emolliente (Mérat); antispasmodico (Rodrigo de Gusmão, Fonssagrives).

Usos therapeuticos. — Na hydropesia, lithiase. Como efficaz na epilepsia e asthma (Dr. Rodrigo de Gusmão¹, Fonssagrives); na leucorrhêa, e, topicamente, nos tumores inflammatorios (Grislei).

Pharmacologia e posologia. — Succo, 15 a 30 gr.; extracto, 0,25 a 1 gr. por dia em pilulas.

SOLANACEAS

Solanum nigrum L.

Herva moura

Desc. — Planta de 1-5 decim.; caule herbaceo simples e erecto; folhas pecioladas, ovaes, acuminadas; flôres (Junho-Setembro) brancas, pequenas; bagas negras.

¹ Veja-se o opusculo especial sobre o uso d'esta planta, na epilepsia.

P. us. — Toda a planta e bagas.

Propriedades e noções chimicas. — Tem sabor herbáceo, desagradavel e cheiro fetido.

As suas propriedades medicinaes são mais pronunciadas pela dessecção e desaparecem pela decocção.

Os fructos contêm: solanina, descoberta pela primeira vez em 1821 por Desfosses. É uma substancia branca-inodora, crystallisavel em agulhas, de sabor amargo, nauseoso, pouco soluvel na agua e no ether, mais no alcool frio, muito no alcool quente.

Accção physiologica. — Para uns observadores goza de propriedades toxicas incontestaveis, para outros tem propriedades narcoticas muito fracas ou é mesmo inerte. Emquanto a mim as bagas devem ter-se como suspeitas.

Alibert¹ cita o caso de uma creança de oito annos que, comendo bagas foi atacada de torpôr continuo, côma, com febre, nauseas e grande dôr epigastrica.

Wepfer observou tres creanças em que as mesmas bagas occasionaram delirio, cardialgias e distorsão dos membros.

Bucker cita o envenenamento de uma senhora e quatro filhos pela herva moura.

Usos therapeuticos. — Como narcotico sedante, anodyno, hypnotico na cardialgia, queimaduras pro-

¹ 1.º vol., pag. 417, obra citada.

fundas, dôres nephreticas, ischuria, estranguria (Chau-meton); contra os dertos (Alibert); nas ulceras dolorosas, tumores inflammatorios, phlegmões, panaricios, queimaduras (Héraud); o succo em fricções em volta das palpebras como mydriatico (Dunal).

Pharmacologia e posologia. — Infuso, 60 gr.; pó, 5-10 centigr.; succo, 30-120; extracto, 1-4 gr. Decocto em loções calmantes, oleo em fricções sedantes e anodynas.

Entre nós usa-se frequentemente nas escrophulas abertas.

Solanum dulcamera L.

Dôce-amarga

Desc. — Caule lenhoso, sarmentoso; folhas alternas, pecioladas, ovaes, acuminadas; flôres roxas, pequenas bagas ovoides, côr vermelha, etc.

P. us. — Caules.

Propriedades e noções chímicas. — Apresenta, quando recente, um cheiro desagradavel e nauseoso, que desaparece quasi completamente pela dessecação; sabor primeiramente amargo e depois adocicado, que justifica o seu nome especifico e vulgar.

Contém: solanina; dulcamarina, descoberta em 1875 por Geissler; extracto amargo dôce (Picro-Clycion); extracto gomoso, gluten, cera verde, resina com acido benzoico, saes, lenhoso.

A solanina é incolor, inodora, crystallisavel em agulhas finas e sedosas, de um sabor amargo, nauseoso, pouco solúvel na agua, no ether e no alcool frio, bastante solúvel no alcool quente.

Desdobra-se em solanina e glycose. A dulcamarina é ligeiramente amarella, inodora, de sabor primeiramente amargo, depois doce, solúvel na agua e no alcool, insolúvel no ether, chloroformio, benzina, sulphureto de calcio. O acido sulphurico desdobra em dulcamaretina e glycose.

Accção physiologica. — Em dóse therapeutica é excitante, diaphoretico, diuretico, depurativo e calmante. Em alta dóse produz seccura na pharynge, náuseas, vomitos, picadas na pelle, sobretudo nos órgãos genito-urinaes; diarrhêa, diaphorese abundante, supressão de urinas, dilatação pupillar, movimentos convulsivos das palpebras, labios e mãos; vertigens, enfraquecimento da respiração e da actividade cardiaca, insomnia e delirio.

Estes effeitos, porém, não são constantes.

Segundo M. Proust, os empregados na preparação do extracto de dulcamara apresentam placas erythematosas na face, membros e partes genitales.

As bagas, incompletamente maduras, são verdadeiramente delecterias. Não o são no estado de completa maturação.

Usos therapeuticos. — Foi muito preconisado, outr'ora, na hydropesia, por Dioscorides e Wautels; na tísica pulmonar por Hufeland, Werlhof Boerhaave; no rheumatismo chronico por Linneu, Cullen;

na asthma por Dehaen; na gotta por Storks, Rottman; nas affecções escrophulosas e syphilis constitucional por Swediaur; nas doenças de pelle (eczema, psoriasis, etc.) por Carrère, Bretonneau. Nas dôres osteocopas por Hallemborg; nas leucorrhêas e blennorrhagias por Guersent; nos catarrhos pulmonares chronicos (Glubler); na coqueluche (Hufland).

Externamente em banhos, nas affecções herpeticas; as folhas como topicas nos engorgitamentos da mama, hemorrhoides dolorosas, contusões, queimaduras, cancos ulcerados. As folhas fumadas contra as dôres de dentes.

Datura stramonium L.

Figueira do inferno

Desc. — Planta herbacea de 3-8 decim.; caule erecto, cylindrico, glabro; folhas grandes ovaes, com sinuosidades desiguaes nas margens e alternas; flôres brancas, infundibiliformes, etc.

P. us. — Folhas e sementes.

Propriedades e noções cbimicas. — Tem cheiro forte, penetrante, nauseoso, sabor amargo, desagradavel. A deseccação torna a planta quasi inodora e insipida, mas não lhe destroe a toxicidade.

As folhas contêm: daturina, stramonina, gomma, extractiva, fecula, albumina, resina, saes, lenhoso.

As sementes malato de daturina, assucar incrys-

tallisavel, oleo fixo, chlorophylla, cera, materia extractiva, albumina, saes de potassa.

A daturina é branca, crystallina, inodora, o sabor acre e amargo semelhante ao tabaco, pouco solúvel na agua fria, mais na agua quente, muito no alcool.

Segundo alguns auctores é identica na sua composição e effeitos toxicos á atropina; porém differe d'ella porque não precipita pelo chloreto de platina, e o seu precipitado pelo chloreto de ouro é branco, enquanto o da atropina é amarello.

A extramonina é uma substancia neutra crystallisavel.

Accção physiologica. — Em pequenas doses produz ligeiras vertigens, acceleração da respiração e da circulação, diminuição de sensibilidade e de energia muscular, mydriase, sede, augmento de calor animal e de tensão arterial, e das secreções cutaneas e urina-rias.

Em dose mais elevada, vertigens, estupor ligeiro, depois, agitação, spasmos, delirio furioso, allucinações, sede intensa; pharynge secca; deglutição difficil e mesmo impossivel, insomnia pertinaz. Ao mesmo tempo sobrem cardialgia, vomitos, algumas vezes diarrhêa.

As urinas são diminuidas e mesmo supprimidas, ainda que o doente experimente desejo frequente de urinar. Em dose sufficiente para determinar a morte, colapso e estupor succedem á agitação e ao delirio, depois a morte sobrem precedida de convulsões ou de paralyia e de resfriamento.

As preparações de datura sob a fôrma de clysteres parecem actuar mais rapidamente que quando ingeridas; a absorpção pela pelle provida ou não de epiderme é igualmente muito activa.

Usos therapeuticos. — Segundo Trousseau e Pidoux, a datura goza das propriedades da belladona, por vezes mesmo mais activas. Foi muito preconizada nas nevroses (chorêa epilepsia), affecções mentaes (tetano traumatico), na coqueluche (Trousseau, Gubler). Na asthma essencial (Beirão, Trousseau, Rabuteau, etc.).

Na incontinencia de urinas, priapismo, nymphomania, espermatorrhêa (Corvisart), suores dos tysicos (Rabuteau), como mydriatico (Rabuteau).

Externamente: queimaduras, hemorrhoides dolorosas, ulceras irritaveis, engorgitamentos lacteos, orchites, etc.

Em collyrio, como calmante.

Pharmacologia e posologia. — Pó, 5 a 30 centigr.; extracto, 1 a 10 centigr.; tintura, 12 a 20 gottas; succo, 6 gottas; infuso (uso interno), 5 a 50 centigr. para 150; xarope, 15 a 30 gr.

Externamente: infuso, 15 a 30 gr.; cigarrilhas, emplasto, collyrio, 30 centigr.

AMARYLLIDACEAS

Narcissus pseudo-narcissus L.

Narciso

Desc. — Bolbo ovoide, globuloso; folhas planas, obtusas; flôres amarellas, inodoras, etc.

P. us. — Folhas, flôres e bolbos.

Propriedades e noções químicas. — As flôres não têm cheiro nem sabor bem determinado; os bolbos têm sabor amargo acre.

As flôres contêm: acido galhico, tannino, mucilagem, resina, materia extractiva, materia gorda olorosa, materia córante amarella, gomma e fibrina vegetal. Em 1877 M. Gérart extrahiu do bolbo um alcaloide, a que chamou *narcissina* e ao qual reconheceu effeitos differentes, segundo era extrahido do bolbo, antes ou depois da floração.

É um producto branco, suave, transparente, solúvel em agua, alcool e vinagre.

Accção physiologica. — As flôres, folhas e bolbo gozam de propriedades emeticas, antispasmodicas e toxicas ¹.

¹ Segundo Plinio, a palavra narciso vem do grego *ναρκισσος* de *ναρκω*, adormecimento; porque as emanções das suas flôres occasionam estupor aos que as respiram. O narciso adormece os nervos, disse Plutarcho.

A virtude emetica do bolbo é conhecida já desde Dioscorides.

Segundo M. René Blache, depois de cincoenta experiencias pessoas e de muitas outras de collegas seus, o infuso de flôres de narciso, na dóse de 3 gr. na creança e 5 no adulto, é um emetico excellente, facil de tomar e seguro nos effeitos.

Usos therapeuticos. — Como vomitivo suave e expectorante analogo á ipéca nas affecções catarrhaes, pulmonares, asthma (Cazin); contra a coqueluche, epilepsia, tetano, hysticismo (Loiseleur, Deslongchamps, Diufresnoy, etc.); contra a choréa (Porché); contra a dysenteria (Lejeune).

Segundo refere este auctor, n'uma epidemia de dysenteria de setenta individuos, tratados sob a sua vigilancia com o pó de flôres de narciso, só morreram um nonagenario e uma octogenaria.

Nenhum dos seus doentes soffreu recahida, ao passo que muitos dos outros a tiveram e muito grave.

Pharmacologia e posologia. — Infuso de flôres secas, 1-2 gr. para 125 de agua; na coqueluche, pó das folhas e das flôres, 1-2 gr.; raiz em pó, 2-8 gr. como purgante e vomitivo; xarope, 5-30 gr.; extracto, 5 centigr. a 1 gr. em pilulas ou poção.

THYMELEAS

Daphne gnidium L.

Trovisco ordinario

Desc.—Arbusto de 6-10 decim., lenhoso; raiz grossa, fibrosa, cinzenta por fóra, branca por dentro; folhas numerosas, espessas, sesseis, um pouco coriáceas, lineares; flôres (Julho-Setembro) avermelhadas por fóra, brancas por dentro, odoríferas; bagas vermelhas.

P. us.—Casca, folhas e sementes.

Propriedades e noções chímicas.—A casca possui um cheiro fraco, nauseoso e um sabor acre e caustico, muito persistente. As folhas e os fructos frescos produzem igual sensação.

Todas as suas partes são acres e venenosas, mas os fructos é que têm occasionado mais accidentes, pela tentação que causam ás creanças que, por vezes, os comem.

A dessecção não destroe as suas propriedades venenosas.

A casca contém: *daphnina*, oleo volatil, resina acre, cera, materia córante amarella, materia azotada, extractivo, acido mallico e saes.

A daphnina $C^{61}H^{34}O^{19} + 2H^2O$ é branca, crys-

tallisavel, sabor amargo, adstringente, pouco so-
lúvel na água fria, mais na água quente e muito no
alcool quente.

Tratada pelo ácido sulphúrico, desdobra-se em
glycose e *daphnetina* $C^{19}H^{14}O^9$.

Acção physiologica. — *Acção topica.* — A casca
applicada pela sua face interna ou externa, despro-
vida de epiderme, produz rubefacção e vesicacção no
fim de vinte e quatro horas; mascada produz na lin-
gua e pharynge sabor amargo, seguido de ardor te-
naz que persiste durante horas.

Acção geral. — Ingerida determina uma sensacção
de queimadura no epigastro, nauseas, vomitos, e,
se a irritacção se propaga aos intestinos, cólicas e de-
jecções liquidas ou mesmo sanguinolentas; ha hyper-
salivacção, diaphorese e diurese. Em doses excessivas,
vinte minutos depois da ingestão de bagas por ex.,
ha mal estar, calafrios, pallidez, dilataçao pupillar, e,
emfim, a morte.

Doze bagas são sufficientes para envenenar uma
creança.

Usos therapeuticos. — Pelas propriedades drasticas
das bagas e sementes, emeto-catharticas das folhas
e depurativa da casca, foi utilizada internamente nas
afecções cutaneas rebeldes, engorgitamentos vene-
reos, rheumatismo chronico, escrophulose e syphilis.

Externamente, é ainda empregada hoje, como ru-
befaciente e vesicante, e para entreter a suppuraçao
dos cauterios e dos vesicatorios. Produz-se a vesica-
çao, fazendo macerar um pouco de casca, durante

uma hora, em agua ou vinagre, applicando-a depois sobre a pelle, pela face interna, mantendo-a com uma faxa.

N'este caso, a casca do trovisco tem a vantagem de não produzir nenhuma influencia nociva sobre o apparelho genito-urinario e portanto superior ás cantharidas.

Pharmacologia e posologia. — Decocto, 1-8 gr.; pó da casca, 5-25 centigr.; pó dos fructos, 25-50 centigr. como purgante; externamente: casca em natureza, oleo em fricções, como rubefaciente revulsivo, etc., podendo substituir o oleo de croton tiglium; e em pomada.

CANNABINEAS

Humulus lupulus L.

Lupulo, Luparo, Fé de gallo

Desc. — Planta de 3-5 metros, herbacea, de caule anguloso, delgado, sarmentoso; folhas oppostas, cor-deo-lobulares; flôres (Estio) dioicas, as masculinas, pequenas, brancas, em cachos, na axilla das folhas superiores, as femininas constituem especies de cones formados de escamas imbricadas; fructos, cones ovoides alongados.

P. us. — Summidades, fructos (cones, pinhas), pó das bractéas.

Propriedades e noções químicas. — Os fructos ou cones têm um cheiro viroso, sabor muito amargo e persistente, que diminue pela dessecção. As bractêas ou escamas contêm: materia adstringente, acre, materia córante, inerte, chlorophylla, gomma, saes, vestígios de *lupulina*.

As sementes contêm: tannino, materia extractiva, principio amargo ou *lupulina*, cera, resina, lenhoso.

O pó das bractêas (*lupulino*) contém: lupulina, oleo volatil, resina, cerosina, sal ammoniacal. A lupulina é amarga, branco amarellada, azotada, muito instavel, transformando-se facilmente em ammoniaco. O oleo volatil compõe-se de acido valerianico, oleo volatil verde, menos denso que a agua, composto de valerol e de um hydrocarboneto de cheiro analogo ao do thymo. Sob a acção do ar transforma-se em acido valerianico e materia resinosa.

Acção physiologica. — Em doses therapeuticas o lupulo actua como tonico estomachico; excita o appetite e favorece a digestão; em doses elevadas, produz calor na garganta, epigastro e inflammação ligeira do tubo digestivo, com nauseas, vomitos, sêde. O *lupulino* ingerido na dose de 5 decigr. a 2 gr. revela propriedades estomachicas, sedativas, anaphrodisiacas.

Usos therapeuticos. — O lupulo póde empregar-se internamente, como tonico estomachico, na dyspepsia atonica, carcinoma do estomago; n'este caso attenua as dôres lancinantes e favorece a digestão.

Igualmente póde administrar-se no lymphatismo,

escrophula, escorbuto e nas doenças chronicas do fígado (Gubler).

O lupulino, internamente contra as erecções e polluções nocturnas, blennorrhagias dolorosas.

Externamente o lupulo, em applicações topicas, como resolutivo e fundente nos engorgitamentos dolorosos, e como calmante nas ulceras cancerosas.

Em casos de insomnia os individuos, que não podem supportar os opiados, podem servir-se de travesseiros cheios de cones de lupulo, em substituição do conteúdo usual.

Pharmacologia e posologia. — Infuso, 8-30 gr. para 1:000 de agua fervente; extracto, 30 centigr. a 2 gr. (Gubler); 4-8 gr. (Trousseau); tintura alcoolica, 2-4 gr.; pomada, 1:30 gr. de banha.

O *lupulino* em natureza, 5 centig. a 2 gr. por dia; tintura, 5 gr.; extracto alcoolico, 3 gr.; xarope, 100 gr.; pomada. Entra na fabricação da cerveja.

CURCUBITACEAS

Bryonia ¹ dioica L.

Norça branca

Desc. — Planta de 2-4 metros, sarmentosa, erizada de pêllos rijos e curtos; raiz tuberosa; folhas

¹ De βρύειν, impellir, por allusão ao vigor da planta.

alternas, cordio-palmadas; flôres dioicas verde-amarelladas; bagas vermelhas.

P. us. — Raiz.

Propriedades e noções chímicas. — Póde empregar-se fresca, durante todo o anno, ou sêcca. N'este caso, colhe-se a raiz no outomno, inverno ou primavera, lava-se, corta-se em rodellas delgadas e põe-se a seccar ao ar livre ou na estufa.

Recente, apresenta um cheiro nauseabundo e um sabor amargo desagradavel; sêcca, é menos odorífera, mas conserva as suas propriedades.

Contém: dois principios activos: *bryonina*, *bryonicina*; fecula, oleo verde em pequena porção, resina, albumina vegetal, gomma, saes de potassa e de cal; *malatos* e *carbonatos* (Vauquelin, Brands, Du-long).

A *bryonina* é um glycoside amorpho, amarellado, primeiramente assucarado e depois amargo, soluvel na agua, no alcool e pouco no ether. Pela acção do acido sulphurico desdobra-se em *bryoricina* e *hydrobryoricina* (Cornevin).

A *bryonicina* é uma substancia branca, crystallisavel e soluvel na agua.

O amido existe em grande quantidade, cêrca de 20 %.

Como a *bryonina* é soluvel na agua, é facil, pela raspagem e lavagens consecutivas da raiz, extrahir amido que póde utilizar-se, na alimentação, em casos de carestia de cereaes.

Acção physiologica. — *Acção local.* — A raiz fres-

ca e contundida, ou sêcca e pulverulenta, applicada sobre a pelle, produz uma viva irritação, rubefacção e mesmo producção de phlyctenas.

Acção geral. — Em doses therapeuticas, a raiz da *bryonia* é purgativa; provoca, a principio, suores, lividez da face, nauseas, e, duas a quatro horas depois da ingestão, dejeccões abundantes e muito aquosas, sem determinar irritação intestinal nem tenesmo.

É igualmente vomitiva; mas esta acção é menos constante que a purgativa.

Goza tambem de propriedades diureticas. Em doses elevadas é um drastico muito energico; produz dejeccões serosas abundantes, vomitos acompanhados de sêde; o pulso pequeno e irregular; ha *estupôr*, convulsões tetanicas, priapismo, *opisthotonos*, *exophthalmia*, retracção das paredes abdominaes, abaixamento de temperatura, com resfriamento rapido e a morte.

Em alguns individuos, as dejeccões são supprimidas e morrem n'um estado semelhante ao que produz a fórma sêcca do cholera (Cornevin).

Na especie humana presenciou Jonathan Pereira um caso de envenenamento pela *bryonia*, apresentando os symptomas do cholera.

Galtier refere a historia de uma parturiente, que, tendo tomado um clyster preparado com 30 gr. de *bryonia*, com o fim de fazer seccar o leite, morreu no fim de quatro horas.

Usos therapeuticos. — Como purgante é já conhecido de Hippocrates, Dioscorides, etc.

Para Gilibert, segundo experiencias suas, esta planta póde substituir toda a classe de purgantes, desde o laxativo ao drastico.

Como succedaneo de jalapa (Buertin, Fourcroy, Mérat, Loiseleur de Longchamps); do sene (Bodar) e das coloquintidas (Rabuteau).

Como emetico (Loiseleur de Longchamps, Boerhaave); como succedaneo da ipéca, denominado *ipecacuanha europêa* (Harmand Montgarny).

Como drastico violento (Chaumeton, Beirão), hydragogo (Héraud e Zacuto) que diz: *Calida enim quum sit in tertio gradu, generosissima pollet purgandi vi, qua non modo pituitosos, sed aquosos humores vacuare potest: sive radicis succum aut eius decoctum propines.*

Como excellente hemostatico, na dóse de 30-45 gr. de infuso (25 para 300 gr.) de meia em meia hora (Petresco).

Contra a epilepsia, apoplexia (Arnaldo de Vileneuve); nos fluxos biliosos, colicas verminosas, hydropesias, hyperemias encephalicas, mania, etc., como emeto-cathartico (Gubler).

Na anasarca, cachexias (Cazin). Na dysenteria epidemica, diarrhêa, febres biliosas, asthma, etc. (Harmand de Montgarny).

Como expectorante nos catarrhos pulmonares, asthma humida, coqueluche (Gubler, Héraud).

Externamente: a polpa da raiz fresca, como excitante e resolutivo, nos engorgitamentos indolentes das articulações, nos tumores escrophulosos. Como

rubefaciente e mesmo vesicante, nas dôres nervosas e rheumaticas, arthrites, pleurodynia (Cazin).

A raiz fresca contundida e cozida em banha de porco fresca é pomada excellente contra a sarna. Bastam 5 a 6 fricções com um ou dois dias de intervallo.

Pharmacologia e posologia. — Decocto, 10-20 gr.; succo, 4 a 12 gr.; pó, 1-2 gr.; extracto, 25-75 centigr.; xarope, 30-50 gr.; alcoolatura, 2-4 gr.; vinho, 30-100 gr.; bryonina, 1-2 centigr.

Externamente: a polpa e o succo em cataplasmas e pomada.

VIOLARINEAS

Viola odorata L.

Violeta de cheiro

Desc. — Caule nullo; folhas radicaes, inteiras, cordiformes, de longo peciolo; flôres violetas ou brancas, solitarias, odoríferas.

P. us. — Flôres e raiz.

Propriedades e noções chemicas. — As flôres são ligeiramente acres e mucilaginosas, colhem-se em tempo sêcco, seccam-se na estufa, encerram-se em vasos, hermeticamente fechados, e conservam-se ao abrigo da luz e da humidade. A raiz recente tem um cheiro e sabor nauseabundos. As flôres contêm: oleo essencial (N. March), acido prussico (Burnett,

S. Piesse), dois ácidos, um vermelho, outro branco, assucar, cêra, vestígios de um principio amargo, materia còrante, que avermelha pelos ácidos fracos e torna-se verde pelos alcalis.

A raiz contém, em grande quantidade, um principio amargo, branco, acre, emetico, a *violina* ou *emetina indigena* (Boullay), ácido violênico crystallizavel em agulhas incolores, soluvel na agua, alcool e ether (Peretti).

Acção physiologica. — As flôres, como emollientes bechicas, levemente diaphoreticas (Héraud), laxativas (Boucharlat). A raiz, como emetico e purgante.

Usos therapeuticos. — Nas bronchites, catarrhos pulmonares e nas febres eruptivas (Buchardat, Héraud).

Como succedaneo de ipéca (Trousseau, Pidoux, Gubler); nos embarços gastricos, catarrho pulmonar chronico, tosse convulsa e, emfim, nos casos em que a ipéca deva ser indicada, não sómente na dóse nauseante, como na dóse vomitiva, especialmente, nas creanças e pessoas fracas.

Pharmacologia e posologia. — Infuso das flôres, 4-10 gr., ou decocto, 15 a 20 gr. (expectorante); pó da raiz, recentemente feito, 2-4 gr. em agua assucarada, ou infuso, 10 para 360 gr. (vomitivo).

Como succedaneos: *viola canina* L., *viola tricolor* L.

Entre outros preparados, as violas faziam parte antigamente das pastilhas, chamadas, nas boticas, *Manus Christi*, violadas; como confortantes do cora-

ção e do cerebro, na seccura da bocca dos hydropicos e diabeticos, e febres malignas (Grislei) ¹.

AROIDEAS

Arum maculatum L.

Jarros

Desc. — Planta herbacea, vivaz; raiz espessa; folhas amplas, invaginantes na base, luzidias, manchadas de negro; espatula aberta, encerra um espadice esbranquiçado que tem na base as flôres femininas e na parte superior as masculinas.

P. us. — Raiz e folhas.

Propriedades e noções chemicas. — A raiz recente e mesmo as folhas, quando esmagadas, exhalam um cheiro fetido e têm sabor bastante acre e picante.

Estas propriedades desaparecem pela dessecção ou decocção. Segundo analyses feitas, contém: principio acre soluvel em agua, substancia assucarada, incristallisavel, albumina, gomma, um acido vegetal, fecula em grande quantidade, lenhoso e agua.

¹ Segundo Timbal Lagrave, botanico, depois de aturados estudos, ácerca das violetas fez a seguinte e curiosa observação: ha uma correlação entre a suavidade das flôres e a venenosidade da raiz. As violetas inodoras, taes como *V. canina*, etc., têm raizes quasi desprovidas de toxicidade e sem cheiro nauseabundo.

Acção physiologica. — *Acção local.* — Em contacto com as mucosas o succo do aro actua como irritante; mascada a planta, a principio é insipida, e depois torna-se, immediatamente, acre, produzindo ardor, rubefacção e tumefacção da lingua e pharynge com dôres vivas e lancinantes, salivação e dysphagia.

Acção geral. — Introduzida em pequena quantidade, no tubo digestivo, o aro actua, á maneira dos irritantes, purgantes, e, por vezes, dos vomitivos. Ha vivas dôres intestinaes, agitação e contracções musculares dos membros, diarrhêa com colicas; o ventre é doloroso, e o appetite quasi que desaparece, durante alguns dias. Se a quantidade é sufficiente para produzir a morte, além dos symptomas citados, ha caimbras, convulsões, dôres estomacaes terriveis, com sensação de queimadura na pharynge e epigastro, pulso pequeno, resfriamento das extremidades.

Medicos antigos observaram, no envenenamento por esta planta, symptomas analogos aos do cholera. A morte sobrevém dez a vinte horas depois da ingestão.

Os fructos, não obstante o cheiro especial que exhalam, quando esmagados, têm dado logar a envenenamentos, principalmente, em creanças, que os comem, attrahidos pela fôrma e pela côr vermelha que têm.

Bulliard cita o envenenamento pelo aro, de tres creanças, que soffreram convulsões terriveis; duas pereceram ao cabo de doze horas; a maior e mais ro-

busta, que comeu menos, salvou-se, tendo-se-lhe ministrado azeite em bebida e em clysteres.

Segundo Martin Lauzel, o melhor tratamento, n'estes casos, é o oleo essencial de tomilho, ou de menthe associado aos opiados, como no cholera.

Usos therapeuticos. — Os antigos, principalmente Dioscorides, prescreviam-n'a na asthma e affecções chronicas dos orgãos respiratorios.

Willes usava-a nas affecções rheumaticas; Hoopel prescrevia-a em vinho branco na dóse de 50 centigr., tres vezes por dia, no rheumatismo chronico; Bergius e Gilibert dizem ter curado, com esta planta, intermittentes e cephalêas gastricas, rebeldes; Gesnero diz ter curado quatro doentes de tuberculose incipiente; Cazin empregou-a com bom exito na bronchorrhêa, asthma humida, cachexia das febres intermittentes prolongadas, e na hydropesia.

Externamente: as folhas frescas, contundidas ou a raiz recentemente cortada e applicada sobre a pelle, como rubefaciente e vesicante (meio que está ao alcance de todos).

Em fórma de cataplasma, nos tumores frios e escrophulosos, abertos, com dureza á peripheria, nos edemas, hygromas, etc., podendo substituir, em muitos casos a tintura de iodo (Cazin).

O mesmo empregou o sumo das folhas e da raiz, como estimulante e deterrentivo, prompto e efficaz, nas ulceras atonicas, escorbuticas e escrophulosas.

Depois do bom aspecto que adquire a suppuração, a cicatrização dá-se em pouco tempo.

Pharmacologia e posologia. — O pó da raiz, 4-10 gr. em vehiculo aquoso ou em electuario (purgante e emeto-cathartico), 1-2 gr. (como alterante); infuso de folhas, 2-8 gr.; externamente, raiz e folhas frescas, em cataplasmas rubefacientes e vesicantes.

A raiz, privada do seu principio activo, serve para elaborar pão, segundo Cirillo. Gozou mesmo de reputação para obter um amido superior ao dos cereaes, e, d'aqui, o nome de *raiz amidoeira*, como é conhecida na Normandia.

CRUCIFERAS

Sisymbrium nasturtium L.

Agrião

Desc. — Caule herbaceo, fistuloso, succulento; folhas alternas, um pouco espessas, foliolos ovaes; flôres brancas em cachos terminaes.

P. us. — Toda a planta recente.

Propriedades e noções chimicas. — Tem sabor picante, um pouco amargo e agradavel e cheiro quasi nullo. Estas propriedades conservam-se em grande parte pela decocção.

Contém: oleo essencial, sulpho-azotado, extracto amargo, iodo, ferro, phosphatos e outros saes.

Acção physiologica. — É estimulante, aperitiva, diuretica, expectorante e anti-escorbutica. Ingerida determina no estomago um calor mais ou menos vivo;

a exalação cutanea, secreção salivar e a diurese são mais abundantes, a expectoração mais facil, e, algumas vezes, auxilia tambem a menstruação.

Se o uso é prolongado, manifestam-se efeitos alterantes, que permitem considerar esta planta como depurativo e anti-escorbútico efficazes, podendo dar logar, excepcionalmente, a vertigens, dyspneas e rubor da face.

Usos therapeuticos. — Como estimulante, na atonia das vias digestivas, escorbuto, escrophulose, rachitismo (Héraud, Fonsagrives, etc.).

Como diuretico nas doenças das vias urinarias, catarrhos vesicaes, hydropesia, calculos (Héraud, Gubler, etc.).

Como expectorante nos catarrhos bronchicos e pulmonares chronicos, e, como depurativo, nas doenças cutaneas.

Noël Guéneau de Mussy¹ dava o succo de agrião em substituição do oleo de figado de bacalhau aos tuberculosos, lymphaticos e herpeticos, na dóse de 120-150 gr. todas as manhãs, fazendo tomar immediatamente depois uma collér de xarope de quinquina ou de casca de laranjas amargas, para melhor ser digerido. O mesmo auctor viu a cura de um eczema rebelde e extenso, pelo uso perseverante de agrião, durante oito mezes. N'este caso aconselhou simplesmente comer, ás refeições, a maior quantidade de agrião possivel.

¹ *Clin. med.*, tomo I, pag. 489, e tomo II, pag. 330.

O finado professor da Escóla Medico-Cirurgica de Lisboa, dr. Caetano Beirão, mandava-o cozer como hortaliça juntamente com a carne e assim o applicava com as pilulas ferruginosas de Blaud e com as bebidas refrigerantes e acidas (laranjadas ou limonadas) na cura do escorbuto de terra, que se manifesta por petechias ou pequenas manchas vermelhas do tamanho de cabeças de alfinetes e pela ulceração hemorrhagica das gengivas.

Externamente: em cataplasmas nas ulceras atonicas, escorbuticas, escrophulosas, aphtas, etc.

Pharmacologia e posologia. — Succo, 60-150 gr.; xarope, 100 gr.; oleo volatil, 25 centigr. a 1 gr.; extracto, 2-4 gr.; externamente, tintura e cataplasma.

Além do uso frequente d'esta planta em salada, o povo emprega muito o xarope de agriões com mel nas constipações, tosses e tísica.

Thlaspi bursa-pastoris L.

Bolsa de pastor

Desc. — Caule erecto, ramoso; folhas inteiras ou fendidas; flôres (todo o anno) brancas; fructo sili-cula.

P. us. — Toda a planta, sementes.

Propriedades e noções chimicas. — É inodora, de sabor fraco.

Contém: oleo essencial analogo ao da mostarda,

principio resinoso amargo, cera, principio corante roxo, ou verde, tannino, acidos malico, citrico e tartrico, saponina, assucar, gomma, albumina e azotato de potassa.

Acção physiologica e usos therapeuticos. — Topicamente, toda a planta nas dôres rheumaticas, hemorrhoides (Mérat); nas feridas (Grislei); o succo na epistaxis (Ray), misturado com vinagre, como resolutivo (Grislei). Internamente, nas diarrhêas, dysenterias (Grislei); nas hemophyses (Dioscorides, dr. Lejeune); contra a amenorrhêa (Cazin); as sementes sialagogas.

Pharmacologia e posologia. — Infuso de planta recente, 100 gr.-1:000; decocto, 30-40; succo, 100-180; vinho, cerveja, etc.

Erysimum officinalis L.

Rinchão

Desc. — Caule erecto, villosos; folhas pinnatifidas, alternas; flôres amarellas, pequenas, em cachos terminaes; fructos, silicas curtas applicadas ao caule.

P. us. — Folhas, sementes.

Propriedades e noções chímicas. — É inodora, as folhas têm sabor acre e adstringente, as sementes sabor acre, picante. Os seus principios são analogos aos das outras cruciferas.

Acção physiologica e usos therapeuticos. — As fo-

lhas são estimulantes, expectorantes, tendo sido empregadas nas bronchites e catarrhos pulmonares chronicos (Cazin, Mérat, etc.).

Segundo Saffray, a sua antiga reputação não deve ser desprezada contra as affecções catarrhaes, rouquidão e extincção de voz.

Rondelet foi o primeiro que fez uso d'esta planta em cantores, que, pelo exercicio excessivo da voz, foram atacados de aphonía.

Lobelio ensaiou o xarope d'esta planta contra a rouquidão e Vicat curou, da mesma, um prégador, que tinha usado sem resultado, grande quantidade de medicamentos.

A semente é rubefaciente como a da mostarda; porém mais fraca, e é antiscorbutica; o decocto aquoso ou vinoso, em gargarejos contra as ulcerações da bocca e amygdalites chronicas.

Pharmacologia e posologia. — Infuso, 30-60 para 1:000; succo, 15-30 gr.; xarope, 30-100; pó, 2-4 gr. Externamente, decocto, succo, etc.

Raphanus raphanistrum L.

Saramago

Desc. — Caule erecto, ramoso; flôres brancas ou lilazes (todo o anno).

P. us. — Raiz recentemente colhida.

A raiz contém: oleo essencial, talvez sulphurado, extremamente picante e acre (Reveil).

Ação physiologica. — Goza de propriedades tónicas, estimulantes e diureticas. Em dóse elevada, contracções articulares, convulsões, dôres violentas periodicas.

O envenenamento analogo ao ergotismo (Gubler) foi designado pelo nome de *Raphania* L.

Usos therapeuticos. — Anti-escorbútico (Beirão).

RUTACEAS

Ruta graveolens L.

Arruda

Desc. — Caule ramoso e duro de 4-6 decim.; folhas alternas, compostas de lobulos, um pouco carnosas e glaucas; as flôres amarellas, corymbiformes; fructo capsular.

P. us. — Toda a planta; mas principalmente as folhas.

Propriedades e noções chimicas. — Todas as suas partes exhalam um cheiro forte, aromatico e desagradavel, têm sabor amargo e picante e contêm pequenas manchas translucidas — reservatorios glandulares. A deseccação attenua um pouco as suas propriedades. Contém: oleo essencial, composto de diversas substancias, taes como: a *rutina* ou acido *rutínico*, *phytomelina*, *melina*, encontrado por Weisse, estudada por Borotrager, por Zwenger e

Dronke, chlorophylla, albumina vegetal, materia azotada, extractivo, amido, gomma e inulina. O oleo volatil verde quando se extrahe das folhas frescas, e amarello quando provém das folhas seccas, é um pouco espesso, de cheiro forte, desagradavel, sabor amargo, crystallisavel pelo frio, em finas agulhas de um amarello claro, muito pouco soluveis na agua fria e mais na agua fervente.

Segundo Greville-Williams, a parte principal d'este oleo essencial é o *aldehyde evodico* $C^{11}H^{22}O$.

Acção physiologica. — *Acção local.* — As folhas frescas contundidas e applicadas sobre a pelle podem determinar irritação com prurido, rubefacção e vesicacção, principalmente, em epidermes delicadas.

Acção geral. — Introduzida no tubo digestivo em dóse fraca não produz effeito topico apreciavel sobre a mucosa digestiva e não provoca perturbações geraes, graves; em dóses elevadas determina irritação, inflammação das vias digestivas, sobretudo do estomago e duodenum, hypersalivação e hypersecreção da mucosa uterina, dôres epigastricas, vomitos, colicas, depressão e lentidão de pulso, movimentos convulsivos, contracção pupillar, vertigens, resfriamento da pelle, somnolencia; em uma palavra: uma serie de symptomas analogos aos que produzem os irritantes e narcotico-acres. No estado de gravidez a arruda congestiona o utero, estimula as fibras musculares, provoca a contracção, determina uma hemorrhagia grave, por vezes o aborto e a morte.

Accrescentemos que o aborto é raro e que a administração d'esta planta, com o fim criminal, póde produzir a morte, sem que se dê o aborto.

Usos therapeuticos. — Foi considerada, desde a mais remota antiguidade, como agente poderoso sobre o systema nervoso, em geral, e sobre o utero em particular.

No primeiro caso foi empregada contra a epilepsia, chorêa e hysterismo; no segundo caso, pela sua acção congestiva sobre o utero, foi utilizada na amenorrhêa chlorotica, ou por atonia.

Póde igualmente supprimir um fluxo menstrual muito abundante e combater uma metrorrhagia.

A titulo de estimulante na atonia do tubo digestivo, colicas flatulentas, independentes de irritação.

O decocto da arruda foi preconisado em clysteres contra as ascarides vermiculares e, em injeccões, contra a ozena.

O pó e o decocto contra a tinha, sarna, piolhos, engorgitamentos frios, ulceras atonicas, contusões, etc.

Pharmacologia e posologia. — Infuso, 5-10 gr. de folhas para 1:000 de agua, para tomar aos copos durante o dia, com um xarope apropriado; pó, 10 centigr. a 2 gr.; oleo essencial, 2-10 gottas em poção ou em agua assucarada; junta-se uma ou duas gottas de essencia de menthe para tornar mais agradavel o gosto; extracto aquoso ou alcoolico, 50 centigr. a 2 gr.; externamente: infuso, pó (ulceras); pomada.

CARYOPHYLEAS

Saponaria officinalis L.

Saboeira

Desc. — Caule erecto, nodoso; folhas ovaes, lanceoladas, sesseis; flôres côr de rosa pallida, em panicula terminal; raiz cylindrica da grossura de um dedo, nodosa, etc.

P. us. — Raiz, folhas e summidades floridas.

As folhas colhem-se antes da floração, as raizes no outono e, depois de lavadas, cortam-se em bocados e seccam-se na estufa.

Propriedades e noções chemicas. — A saponaria é quasi inodora. As folhas e a raiz têm sabor amargo, um pouco salgado, e ligeiramente acre. Agitadas na agua fazem-n'a espumosa á maneira do sabão, d'onde o seu nome vulgar de *saboeira*. O caule é de um sabor adocicado.

Contém: *saponina* ($C^{26}H^{28}O^{16}$), resina acastanhada e molle e uma materia crystallina, amarga, soluvel na agua, no alcool e no ether.

A *saponina* é uma substancia parda-clara, transparente, inodora, de sabor primeiramente nullo e depois acre, muito soluvel na agua, insoluvel no alcool. Sob a influencia dos acidos, desdobra-se em *sapogenina* e glycose. Emulsiona as resinas, oleos e camphora. O pó é esternutatorio.

Acção physiologica e usos therapeuticos. — Como

tonico, pouco energico (Milne Edwards e P. Vasseuseur)¹, e estimulante (Cazin), na atonia das vias digestivas.

Como desobstruente, na ictericia, obstrucções do figado e do baço consecutivas ás intermitentes; como diaphoretico, depurativo, no rheumatismo chronico, syphilis constitucional (Héraud). M. Alibert administrou-a com vantagem nos dartos furfuraceos e escamosos.

Como succedaneo da salsaparrilha (Cartheuser); na hysteria, hypochondria (Bourgeois); externamente, as folhas, em cataplasmas ou fomentações, como resolutivo nos engorgitamentos lymphaticos e no penso dos causticos.

Pharmacologia e posologia. — Infuso das folhas, 16 : 1:000; das raizes, 20 : 1:000; extracto, 1-2 gr.; succo, 30-60; xarope, 20-60.

Externamente: folhas em cataplasmas e em fomentações.

CHENOPODIACEAS

Chenopodium ambrosioides L.

Herva de Santa Maria

herva formigueira

Desc. — Caule ramoso, glabro; folhas oblongas, lanceoladas, alternas, denteadas; flôres miudas, es-

¹ *Manuel de matière médicale.* Bruxellas, 1840.

verdeadas, em cachos; sementes pequenas, pretas.

P. us. — Folhas, summidades, sementes.

Propriedades e noções químicas. — Tem cheiro aromático forte, sabor picante e amargo. Contém: óleo volátil, saes, etc.

Ação physiologica e usos therapeuticos. — Como excitante e antispasmodico, nas doenças nervosas, e principalmente, na chorêa (Barthez); paralysisia (Hooper); hysteria (Beirão). Como expectorante nos catarrhos pulmonares chronicos, asthma; na helminthiase (Héraud, Chernouviz).

Pharmacologia e posologia. — Infuso, 10-20 gr.; succo das folhas, 30-60 gr.; pó das sementes, 4-8 gr.

PORTULACEAS

Portulaca oleracea L.

Beldroega

Desc. — Caule ramoso, avermelhado; folhas succulentas, ovaes; flôres amarellas, pequenas, axillares.

P. us. — Toda a planta, principalmente as folhas, que são mucilaginosas.

Ação physiologica e usos therapeuticos. — As folhas como refrigerantes e diureticas e, em grande quantidade, purgativas. As sementes como anthelminthicas. Foi antigamente empregada contra as hemorrhoides (Zacuto), e escorbuto (Decaisne).

Entre nós, o povo come as folhas em salada ou cozidas.

PHYTOLACEAS

Phytolacca decandra

Gaia-moça ou caia-moça ou herva dos cachos da India

Desc. — Planta herbacea; caule erecto de 1-2 metros, avermelhado; folhas alternas, ovaes, lanceoladas; flôres roseas em cachos axillares; bagas vermelhas.

P. us. — Raiz, folhas e bagas.

Propriedades e noções chimicas. — Tem cheiro desagradavel e sabor um pouco amargo, e contém: tannino, *phytolaccina* e acido *phytolaccico*.

Ação physiologica e usos therapeuticos. — É purgativa, emetica e narcotica.

Foi empregada contra a syphilis, rheumatismo, erupção cutanea, ascite e ulceras saniosas (Mérot).

Entre nós, empregaram-se largamente, e empregam-se ainda as bagas para dar côr aos vinhos; porém, o seu emprego deve ser prohibido; porque são toxicas em grande quantidade e por isso nocivas á saude dos consumidores do vinho.

A prohibição já foi decretada no nosso paiz; porém esta planta americana encontra-se ainda hoje profusamente espalhada por toda a parte e o seu

emprego continúa, infelizmente, a ser vulgar na confeição dos vinhos.

Pharmacologia e posologia — Decocto de raiz, 10 : 1:000; pó, 5 decigr. a 2 gr. (emetico, 5 centigr. a 40 centigr. alterante); succo, 15-30 gr.

BIBLIOGRAPHIA

Grislei — *Desengano para a medicina, ou botica para todo o pai de familias*. Lisboa, 1690.

Milne Edwards et P. Vavasseur — *Manuel de matière médicale*. Huitième édition. 1840.

J. L. Alibert — *Nouveaux éléments de thérapeutique et matière médicale*. Quatrième édition. 1817.

D. Vicente Martin de Argenta — *Album de la Flora medico-farmacutica*. 1862.

Joseph Frank — *Pathologie interne*. 1835.

Dr. A. Héraud — *Nouveau dictionnaire des plantes médicinales*. 1 vol. en 18.º 1897.

Dr. José Pereira Reis — *Formulario geral*. Quarta edição. 1874.

Dr. Armand B. Paulier — *Manuel de thérapeutique et de matière médicale*. Troisième édition. 1888.

Dujardin-Beaumetz et Yvon — *Formulaire de pharmacologie*. Septième édition. 1894.

S. Piesse — *Histoire des parfums et Hygiène de la toilette*. 1890.

Henri Soulier — *Traité de thérapeutique et de pharmacologie*. Paris, 1891.

F. Labadie, Lagrave et Félix Legueu — *Traité médico-chirurgical de gynécologie*. 1898.

Ch. Cornevin — *Des plantes vénéneuses et des empoisonnements qu'elles déterminent*. 1893.

Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão — *Jornal das sciencias medicas de Lisboa*, tomo XII, pag. 143.

PROPOSIÇÕES

Anatomia. — Na denominação dos orificios do canal inguinal são preferiveis os termos *peritoneal e cutaneo* aos termos interno e externo.

Physiologia. — A influencia da musica é, geralmente, favoravel ás funcções digestivas.

Therapeutica. — Reprovo o uso das aguas sulfurosas, em inhalações, na tuberculose pulmonar.

Pathologia geral. — A menstruação, mesmo no estado physiologico, é uma causa poderosa das nevroses e de loucura.

Anatomia pathologica. — A hyperdiapedese é necessaria, mas não sufficiente, para a suppuração.

Pathologia interna. — As aguas sulfurosas, sob a fórma de immersão e douches, são o unico especifico contra o rheumatismo.

Pathologia externa. — Aconselharei sempre na minha clinica o uso da chelidonia (ceruda) nas feridas simples, suppuradas ou não.

Operações. — Deve fazer-se, sempre que se possa, cirurgia conservadora.

Partos. — As irrigações uterinas, após a desquitação, são um excellente prophylatico da febre puerperal.

Hygiene. — As prisões são uma causa de degenerescencia physica e moral.

Medicina legal. — As manchas de Tardieu, nos pulmões, não são pathognomonicas da morte por suffocação.

Visto.
Moraes Caldas.

Póde imprimir-se.
O director,
Moraes Caldas.